

M 2015



OUTROS ESPAÇOS PARA HABITAR

UMA “CASA” PARA OS SEM ABRÍGO

AMELIS S. SÁNCHEZ M.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA

À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM

ÁRQUITETURA

Resumo

Arquitetura é a relação que existe entre o homem e o espaço. Este é criado em resposta às necessidades das pessoas e como reflexo das suas ações e pensamentos, mudando ao longo do tempo com a evolução da sociedade, a criação das cidades, o desenvolvimento de novas tecnologias e melhorando consideravelmente as condições em que as pessoas vivem e trabalham, a sua saúde e educação, assim como o conforto dos espaços que habitam, pelo que não só se pode dizer que se habita uma casa ou um lar, pelo contrário, habita-se todo o edifício onde é desenvolvida uma atividade por um tempo determinado do dia.

Todas as pessoas sejam homens, mulheres, jovens ou crianças, têm direito de acesso a um lar, que funcione como um refúgio e que garanta proteção às diferentes adversidades que atentam diretamente à saúde e à integridade física.

Todos os anos a população mundial cresce de forma exponencial, localizando-se na sua grande maioria nas cidades, pelo que se prevê que no ano 2050, 80% da população mundial viva nestes aglomerados.

Embora se considere que atualmente a Europa tem esta percentagem de população urbana, verifica-se que a atual crise mundial teve também impacto, devido ao aumento da taxa de desemprego e a consequente perda de habitação própria, por não haver a possibilidade de manter um lar próprio ou alugado. Estes fatores têm dado origem ao aumento da população que fica em situação de exclusão social extrema, e que se denomina população sem-abrigo.

Os sem-abrigo são uma realidade mundial, uma problemática urbana, à qual estão associadas diversas origens, como problemas pessoais, de saúde ou até sociais, como o desemprego ou problemas económicos. O conceito de sem-abrigo é complexo, contudo, verifica-se que o número de pessoas que vivem em Portugal em abrigos inseguros ou inapropriados correspondem a 53% do total da população sem-abrigo, alertando para a urgente necessidade de intervir, encontrando soluções que permitam proteger esta população de imediato e até procurar resolver este flagelo.

Muitos têm sido os projetos a nível mundial para procurar resolver esta problemática, que é transversal às nossas sociedades modernas e nas quais o arquiteto poderá ter um papel fundamental neste âmbito. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é perceber o que tem sido feito, procurando soluções ou melhorias, de forma a minimizar este problema de arquitetura e sociedade.

Abstract

Architecture is the relationship between man and space in response to his needs, actions and echos of his thoughts. Therefore, over time it becomes in concordance with the evolution of society, creation or expansion of cities and the development of new technologies; improving significantly the development of work and jobs, health and education, and people's comfort. In this sense, we can say that not only we inhabit our houses or homes, but all those buildings (infrastructures) where we develop an activity during the day.

Everybody has the right to own a home, that is, a house that serves as both: shelter and refuge or protection of environmental adversities that may be threatened health and physical integrity.

Each year the world population grows exponentially, placing much of it in the cities, so it is considered that by 2050, 80% of the world population will be living in the (big) cities. Although it is currently considered that Europe has that urban population percentage, it has been affected even more significantly by the present global economic crisis; increasing the unemployment rate and the loss of homes. This part of the population living in extreme social exclusion is called the homeless population or homeless.

Moreover, the homeless are a global reality, a social problem with urban impact as a result of various causes such as personal, illness or social issues as well as unemployment and economy matters. Those categorized as homeless, (that lives in unsafe or inadequate housing/ environments) cover a 53% of the total population of homeless in Portugal, therefore there is a need to find a temporary solution for the safeguarding and protection and perhaps a resolution to this population in need.

Many projects have been seeking to solve this global problem and that is where the architect plays an important role in its resolution. Thus, the objective of this work is focusing in understand what has been done and find a solution or improvement to this problem - which is an architectural and societal problem.

Dedicatória

Dedico esta dissertação a meus pais e minhas irmãs, por lembrarem que nada é impossível na vida se temos o apoio dos nossos seres queridos.

Agradecimento

A Deus, Quem me dá fé para saber que tudo vai ficar bem e me dá a mão nos momentos difíceis, ajudando me a levantar e seguir em frente.

Aos meus pais, que me apoiaram incondicionalmente no cumprimento deste grande objetivo, e me deram o seu amor, compreensão, valores e habilidades que me ajudaram a ser uma melhor pessoa, mulher, amiga e estudante.

Minhas irmãs, que estão sempre ali dando todo o seu apoio, e segurando a minha mão quando eu mais precisar delas.

A Felipe De Bastos com quem partilhei grandes momentos na minha vida e que desde o início apoiou incondicionalmente e fez isto possível, neste novo caminho noutro país; e a Yadira Neves amiga e colega de estudo que acompanho, ajudo e apoio ao longo deste caminho.

O meu tutor Carlos Nuno Lacerda Lopes, por toda a ajuda, conselhos e orientação. fizeram que tudo isto fosse possível.

E por último, mas não de menor importância, aos meus amigos que igual que a minha família estão no outro lado do mundo mas que continuam igualmente presentes, especialmente a Magdelys Morales que mais que uma amiga é uma irmã que deus colocou no meu caminho, por sempre estar ali presente.

Obrigada a todos.

Índice

Resumo	I
Abstract.....	III
Dedicatória.....	V
Agradecimento.....	VII
Introdução	1
Enquadramento	7
Objetivos.....	9
Objetivos principais.....	11
Metodologia.....	11
Capítulo I:	15
Habitar e Arquitetura	15
Novas formas de habitar	23
Habitar a Cidade	31
Evolução do habitar na cidade do porto	39
Capítulo II:.....	43
Projetar para os desfavorecidos	43
Projetos	59
Em Portugal	59
No Mundo.....	63
O papel social do Arquiteto	73

Capítulo III:	77
Os sem-abrigo.....	77
Os sem-abrigo em Portugal	79
Os sem-abrigo na Cidade do Porto	81
Causas da sua aparição	85
Problemas Familiares	85
Problemas de alojamiento.....	87
Problemas de salud	87
Falta de empleo.....	89
Salida de instituciones	89
Salida de prisión	91
Problemas de legalidad	91
Otras	93
Opción de vida.....	93
Clasificação dos sem-abrigos	99
Sem-teto.....	99
Sem-casa.....	101
Habitação insegura	101
Alojamento impróprio	101
Ajudas prestadas	105
Capítulo IV:	111
O projeto	111
Localização	115
A proposta	123
Módulo A.....	123
Modulo B.....	127
Módulos C	133

Referências Bibliográficas.....	141
Índice de imagens	147
Índice de figuras	150
Índice de figuras	151
Índice de figuras	151

Introdução

Habitar é a relação que existe entre o homem e o espaço. Este espaço é criado pela construção, que é o reflexo da arquitetura; porém, se pode dizer que a construção é arquitetura, é a criação de espaços em resposta as necessidades, e o eco das ações e pensamentos das pessoas.

É um conceito cultural, mudado ao longo do tempo, com a evolução da sociedade e o desenvolvimento das novas tecnologias.¹

Então, ao falar de habitar arquitetura, como o lugar onde se passa um tempo determinado na realização de uma atividade, seja de trabalho, entretenimento, estudos, convivência, descanso, etc.; não se pode dizer que só se habita a casa ou lar, devido ao tempo que uma pessoa esta nestas construções.

Construções que oferecem ao homem um abrigo e permitem o desenvolvimento da pessoa como individuo, e a sua integração na sociedade, enquanto proporcionam o seu crescimento pessoal e profissional nas diferentes atividades que realiza nestas.

É direito de todo homem, mulher, jovem e criança aceder e manter um lar e uma comunidade onde possam viver em paz e dignamente, sendo este um elemento fundamental para a integridade humana, a saúde física e mental e sobre tudo a qualidade de vida que permite o desenvolvimento do individuo.²

¹ MARIA MELGAREJO, M., ET AL (1996). NUEVOS MODOS DE HABITAR = NEW WAYS OF HOUSING. COACV. VALENCIA – ESPAÑA.

² ONU. OFICINA DEL ALTO COMISIONADO PARA LOS DERECHOS HUMANOS. EL DERECHO HUMANO A UNA VIVIENDA ADECUADA (FOLLETO INFORMATIVO NO. 21).



Imagem 1 - Vista do centro da Cidade do Porto

Em quanto ao desenvolvimento humano, a criação da cidade foi, até agora, a melhor invenção feita pela humanidade. Na procura de produtos que satisfaçam as suas necessidades e desejos, e como reflexo da sua forma de ser, pensar e, definitivamente, de habitar; tem sido melhoradas consideravelmente as técnicas de trabalho a saúde, mostrando crescimento na educação e no conforto das pessoas que nela habitam.

Embora seja dito que a arquitetura constrói a cidade e influencia o seu crescimento, isto tem mudado nas últimas décadas, onde se observa que o desenvolvimento é regido pela economia, política e os processos migratórios, permitindo a invenção de novas formas de habitar na procura de soluções adequadas aos modos como se vive e se gosta ou gostar-se-ia de viver.³

Formas de habitar que tem sido cada vez mais populares na tentativa de adquirir uma habitação economicamente acessível, dentro de projetos urbanos habitacionais, geralmente de construção massiva, os quais têm sido a resposta dada à demanda existente para habitação atual.

Habitações cada vez mais pequenas, onde o arquiteto joga um papel importante na procura da flexibilidade do espaço e a sua adaptação aos novos núcleos familiares da sociedade, sempre variável nos tempos em que se vive.

Assim, um bom desenho de cidade pode produzir comunidades desejáveis que permitam uma correta integração social, e na qual se facilite o acesso à habitação para os desfavorecidos.⁴

Porém a crise económica mundial dos últimos anos tem afetado o desenvolvimento da habitação, obtendo como resultado o crescimento exponencial da população denominada sem-abrigo; devido à falta de meios para manter uma habitação própria ou alugada, estes ficaram na rua sem proteção nem garantias perante os perigos para a sua saúde e bem-estar.

Os sem-abrigo são uma realidade mundial, uma problemática social de marcação urbana que afeta principalmente as grandes cidades de cada país. Estas pessoas vêm de conselhos mais pequenos, na procura da ajuda e serviço oferecido pelas diferentes instituições,

³ LUIS CORTÉS ALCALÁ (1995). LA CUESTIÓN RESIDENCIAL, BASES PARA UNA SOCIOLOGIA DEL HABITAR. EDITORIAL FUNDAMENTOS. MADRID – ESPAÑA.

⁴ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y AFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA.



Imagem 2 – Abrigo improvisado

associações e albergues existentes⁵, acabando muitas vezes por ficar em situação de exclusão social extrema. Portugal faz parte desta cruel realidade.

Sendo uma reação a diferentes problemas sociais e pessoais, nesta condição existe um limite muito ténue entre os problemas que são causa e os que são consequência desta forma extrema de exclusão social⁶ onde se tem encontrado alguma resistência á ajuda dada, principalmente por pessoas com doenças mentais, consumo de álcool ou drogas excessivo; pessoas que não querem sair desta situação.⁷

O número de sem-abrigo tem aumentado nos últimos anos, ao mesmo tempo em que aumenta a taxa de desemprego, o que traz como consequência um maior número de pessoas com estudos de licenciatura, mestría ou doutoramento nesta situação dentro de uma sociedade onde, antigamente, os sem-abrigo eram considerados como pessoas com baixo nível o nenhum nível de instrução educativa. Assim, e com a aparição de mais mulheres e crianças, se incrementa consideravelmente o número de pessoas nesta situação que procuram ajuda, sobretudo alimento, e se revela o agravamento da situação de pobreza no país.

Em Portugal a maior incidência de sem-abrigo encontra-se nas cidades de Lisboa, com 40%, e no Porto, com 16% da população total, o que as coloca como as principais cidades com maior taxa de pessoas sem-abrigo, sem esquecer cidades como Coimbra, Braga, Setúbal e Faro, que compreendem a percentagem restante, segundo o Diagnóstico Social do Porto, feito pela Universidade Católica Portuguesa.

Esta população, segundo as suas condições de alojamento, pode ser categorizada da seguinte forma: sem teto, sem casa, habitação insegura ou habitação inadequada. Onde, as pessoas sem teto e sem casa, que persistem na rua, abrangem um 53% da população total de sem-abrigos em Portugal.⁸

⁵ BAUEN, WOHNEN, DENKEN (1954). CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR. CONFERÊNCIA PRONUNCIADA POR ACASIÃO DA "SEGUNDA REUNIÃO DE DARMSTADT", PUBLICADA EM VORTÄGE UND AUFSÄTZE, G. NESKE, PFÜLLINGEN

⁶ ENPIPSA. ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A INTEGRAÇÃO DE PESSOAS SEM-ABRIGO, PREVENÇÃO, INTERVENÇÃO E ACOMPANHAMENTO 2009-2015.

⁷ ANA C. PEREIRA E PAULO PENA (2014). HÁ CADA VEZ MAIS SEM-ABRIGO NUM PAÍS COM UM MILHÃO DE CASAS VAZIAS.

⁸ ENPIPSA. ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A INTEGRAÇÃO DE PESSOAS SEM-ABRIGO. PREVENÇÃO, INTERVENÇÃO E ACOMPANHAMENTO 2009-2015.



Imagem 3 - Cardborigami

Estes contam com um sistema de instituições, associações e albergues que ajudam ao maior número possível de pessoas mas, porém dos esforços realizados, não se tem conseguido cobrir num 100% a necessidade de abrigo, temporário o fixo, que o proteja dos perigos que podem afetar à sua saúde e bem-estar.

Com base no anteriormente exposto, se propõe a projeção de três módulos ou abrigos, fixos ou móveis, em resposta às principais necessidades dos sem-abrigo, como o são o refúgio, a proteção e um local de trabalho; em conjunto com a procura de espaços, dentro das cidades, que possam ser adaptados e acondicionados para a implementação dos módulos, oferecendo uma casa para os sem-abrigo.

Enquadramento

Como já foi mencionado, o fenómeno dos sem-abrigo é uma problemática social e urbana que existe a nível mundial. Ante esta situação, tem sido planteadas diversas soluções, móveis ou fixas, como resposta à primeira necessidade existente, oferecer um abrigo.

Abrigo que lhes permita manterem-se refugiados das adversidades ambientais que atentam contra a sua saúde e integridade física, e para os quais se utilizam diversas aplicações e novas tecnologias construtivas, assim como também a reciclagem de materiais tais como o catão, as paletes de madeira, entre outras, com o intuito de criar módulos ou elementos arquitetónicos que ofereçam proteção; um pequeno espaço onde habitar e desenvolver-se como indivíduo, sendo conseguido em alguns dos casos a integração ou desenvolvimento social do sem-abrigo com a comunidade que o rodeia.

Entre este tipo de soluções, podemos mencionar módulos como os criados pela designer *Tina Housepian* chamados “*Cardbodigami*”, o qual é um módulo móvel baseado na arte do origami, e se apresenta como sendo um suplemento temporário às necessidades básicas da população sem-abrigo (um abrigo). Também temos o projeto “*Home Petit Home*” nos Estados Unidos da América, em Portland – Oregon; este é um pequeno desenvolvimento urbano, composto de pequenas casas, na sua maioria feitas com materiais reciclados, as quais prestam maior conforto e proteção das adversidades climáticas e um maior crescimento como indivíduo, criando pequenas vilas que permitem o desenvolvimento e a integração social nesta comunidade.



Imagem 4 - Home Petit Home

Como estes exemplos aqui expostos, existem muitas outras propostas de projetos, uns já executados e outros tantos tem ficado simplesmente como uma proposta. Isto numa sociedade que conta com um grande número de pessoas que persistem nas ruas das cidades, e que se encontra em constante crescimento.

Crescimento que tem sido evidente nos últimos anos nas grandes cidades do mundo devido, em parte, à situação económica, social e pessoal de cada um e a deslocação da população na procura de oportunidades e um futuro. Em Portugal, cidades como Lisboa ou Porto são afetadas diretamente.

Por enquanto, em Portugal existe um grande número de sem-abrigo que, apesar de ter uma Estratégia Nacional para a Integração das pessoas sem-abrigo, e centros e associações de ajuda, são muitos os que continuam nesta condição.

Na Cidade do Porto, como ajuda e apoio a esta população, existem albergues noturnos para uma noite e hospedagens onde é assignado um quarto à pessoa que é tirada da rua para dar início ao trabalho de reinserção social, como exemplo disto temos a AMI (Assistência Medica Integral) com dois programas de ajuda “*Centro porta amiga*” e “*Abrigo noturno*”.

Porém, o número de pessoas que persistem na rua o em alojamento precário é elevado, sem ter evidência de projetos próximos o futuros em Portugal, que sirvam de solução permanente o temporária a esta problemática.

Tomado isto como ponto de partida, com base na informação recopilada, e após a definição e categorização das distintas necessidades básicas às quais dar resposta, tais como o trabalho, abrigo e higiene, o objetivo deste trabalho é a criação de diferentes módulos, móveis ou fixos, que possam adaptar-se a diferentes espaços na cidade, e que ofereçam proteção as pessoas sem-abrigo.

Objetivos

O objetivo geral deste trabalho consiste na análise e compreensão do processo de Habitar Arquitetura, a sua evolução histórica e a sua influência na sociedade, o que leva ao estudo da cidade, neste caso específico, a cidade do Porto.

Tal análise permite demonstrar o desenvolvimento da sociedade e a suas variantes dentro dos grupos existentes nas populações, as diferentes necessidades e adaptações dos espaços,



Imagem 5 – Abrigo portátil Cocoon do designer coreano Hwang Kim

e como se tem gerado nestas a necessidade de criar novas formas e espaços para habitar. Uma sociedade que demanda a criação de habitações mais acessíveis em tempos de crise, tomando como exemplo e objeto de estudo a população sem-abrigo da cidade do Porto.

Uma vez definidas as causas e consequências da aparição dos sem-abrigo, assim como as necessidades básicas destes, se faz necessário encontrar, através da observação da cidade, espaços públicos livres que permitam a colocação de um módulo que satisfaça as necessidades primordiais do habitat de um sem-abrigo.

Objetivos principais

- Estudar a população sem-abrigo em Portugal e a sua incidência na Cidade de Porto.
- Procurar espaços na Cidade do Porto para o desenvolvimento de uma habitação para as pessoas sem-abrigo.
- Desenvolver a proposta de um módulo para os sem-abrigo, o qual ofereça proteção das adversidades climáticas.

Metodologia

A investigação está baseada num processo de caráter teórico-prático definido através da recolha de informação, em diferentes fontes bibliográficas, visitas e entrevistas, a observação como método de recolha de dados físicos sob a cidade do Porto e, finalmente, a criação de diversas propostas arquitetónicas que permitam dar resposta ao problema planteado.

O corpo central da dissertação está dividido em quatro capítulos, antecedido pela introdução e seguido pela conclusão e bibliografia. Estes são:

Capítulo I, este capítulo inclui a recolha de informação e conceitos como precedente ao problema de estudo, essencial para a compreensão do Habitar a Arquitetura e a sua repercussão na sociedade atual. Com base em diferentes autores, de diversos campos disciplinares, são analisados os novos modos de habitar e a sua influência na cidade, o seu crescimento e o desenvolvimento da sociedade atual. Este inclui uma recopilação histórica da evolução da cidade do Porto desde um ponto de vista arquitetónico.

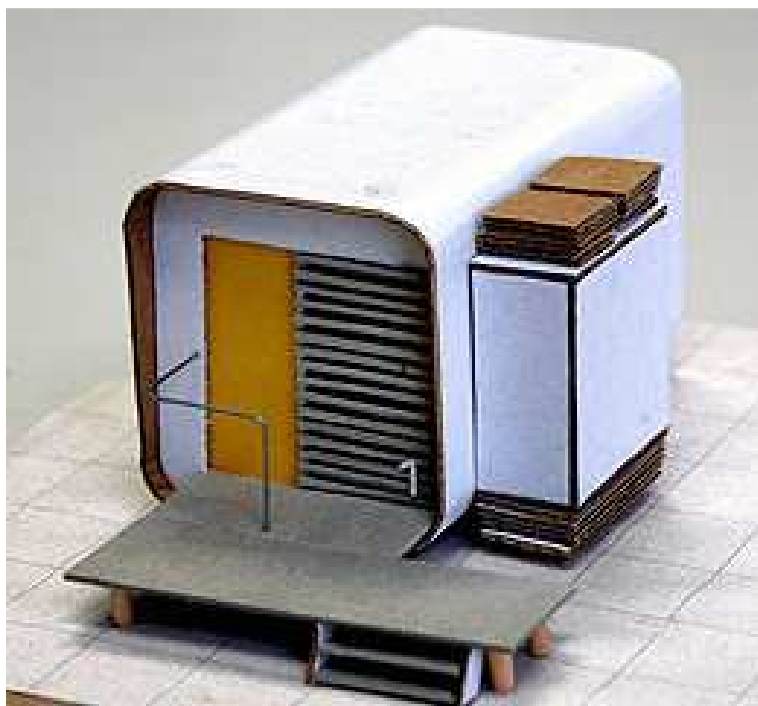


Imagem 6 - Casa para vítimas de desastres naturais feito pela arquiteta Giovana Savietto, Brasil

O **Capítulo II**, inclui a informação relativa ao conceito de vivenda, ao significado que tem para o indivíduo ou família, à necessidade da sociedade para construir habitações economicamente mais acessíveis e às considerações mínimas a ter para criar um ambiente confortável para o utilizador.

Como consequência do défice de habitações acessíveis, e através da análise realizada à população sem-abrigo, se realiza também uma retrospeção dos projetos planteados e construídos a nível mundial até a data, como resposta provisória ou permanente à problemática apresentada.

No **Capítulo III**, com base em diversas referências bibliográficas, publicações e, através da análise de dados, se delimita uma definição de “sem-abrigo” para a compreensão da população em estudo, criando critérios sob a sua aparição na sociedade, classificando os seus tipos, segundo a forma em que habitam e a percentagem que representam, para assim obter destes os dados e características necessárias para dar resposta à problemática existente.

Finalmente, no **Capítulo IV**, é apresentado o desenvolvimento do projeto arquitetónico. Com base nos dados obtidos segundo a análise realizada no capítulo anterior, e como resposta à mesma, é dividido o projeto em três propostas as quais utilizam as medidas e espaços mínimos requeridos para oferecer o conforto desejado. São definidas as suas características, materiais e funcionamento, conjuntamente com diversos locais, dentro da cidade do Porto, onde seja possível a sua implementação.

Capítulo I:

Habitar e Arquitetura

Desde o início do Homem, nasceu a necessidade de proteção e refúgio perante as adversidades ambientais, de cada estação do ano com as mudanças de clima muitas vezes marcadas, e os perigos que o rodeiam, atentando contra a sua segurança, saúde e integridade física; surgindo a necessidade de adaptação e criação de espaços para habitar.

Estes espaços de caráter natural, adaptados ou construídos por mãos humanas, com origem na pré-história, usando cavernas como abrigos onde cozinham, pintaram e desenvolveram a vida em condições muito específicas em relação à orientação e localização, na procura de uma maior conforto e funcionalidade evidenciavam uma caracter de ocupação e de seleção já de si arquitetónico, mas foi através da ação no território, da construção de abrigos, cabanas, prédios mais estáveis, projetados e construídos pelo engenho e criatividade do homem, que se tornou no início de uma ideia de habitação que nos leva à que conhecemos hoje, sendo um fenómeno da sua existência.

“O espaço, relacionando-se com o ser vivo nas suas múltiplas situações, do movimento à pausa, do uso à vista, é um fenómeno concreto da sua existência.”⁹

Como expressão do seu sentido gregário o homem gerou e criou pequenas comunidades, permitindo a integração familiar e social das pessoas que nela residiram, tomando-as como ponto de partida para a imprescindível evolução dos indivíduos e criando novas

⁹ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 74

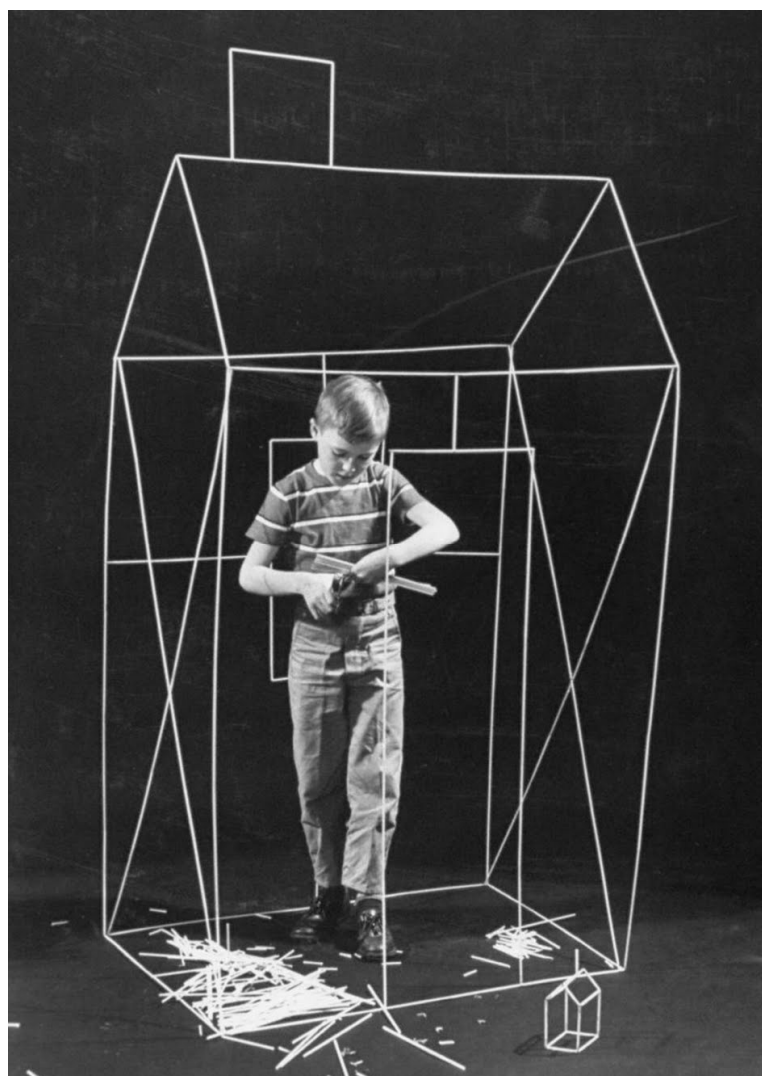


Imagem 7 - Habitar Arquitetura

necessidades a satisfazer, tais como o trabalho, transportes, educação, lazer, saúde; e, gradualmente provocando o desenvolvimento urbano, tanto na criação de equipamentos de apoio aos cidadãos como na criação de habitação adaptada às suas exigências, e que nos leva ao que conhecemos hoje como lugares urbanos ou cidades.

É a Arquitetura quem coloca em grande evidência a existência desse progresso e regista bem a evolução do homem através das sucessivas adaptações dos espaços e dos edifícios às vontades das diferentes épocas, na utilização dos novos materiais ou através da incorporação de novas tecnologias aplicadas à construção e ao uso dos espaços para habitar. O advento dos tempos modernos pondo fim as diferentes tradições culturais e religiosas, deixou um legado único e inestimável de magníficas obras de urbanismo e arquitetura como agente de equilíbrio social e na procura do respeito pelos direitos humanos, ao longo do tempo.¹⁰

“Na Arquitetura, também se fizeram sentir os ventos da modernidade, e a aproximação científica do ato de construir, aliado a uma certa negação de conceitos tidos como clássicos, numa altura em que a produção arquitetónica do passado recente se traduzia por um ecleticismo e uma teatralização da arquitetura.”¹¹

Com o poder de evocar uma sensação do tempo, do lugar e as pessoas; pessoas sem as quais não tivesse nenhum sentido dizer que o homem é traduzido em arquitetura e esta, por sua vez, se traduz em valores humanos.¹²

Habitar é um termo subjetivo, que apesar dos estudos e pesquisas realizados sobre este termo não se tem uma definição clara do seu significado, uma vez que existem diferentes conceitos do mesmo, ao que se refere e a quem se destina.

Onde, geralmente, ao perguntar às pessoas o significado de habitar, refere-se apenas à habitação ou lar, dando termos como estar, permanecer, morar em, residir, geralmente

¹⁰ VASCO CROFT (2001). ARQUITECTURA E HUMANISMO, O PAPEL DO ARQUITECTO, HOJE, EM PORTUGAL. TERRAMAR – EDITORES, DISTRIBUIDORES E LIVREIROS, LDA. LISBOA – PORTUGAL.

¹¹ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 46

¹² VASCO CROFT (2001). ARQUITECTURA E HUMANISMO, O PAPEL DO ARQUITECTO, HOJE, EM PORTUGAL. TERRAMAR – EDITORES, DISTRIBUIDORES E LIVREIROS, LDA. LISBOA – PORTUGAL.



Imagem 8 - Edifício Varandas da Venezuela pelo arquiteto Alcino Soutinho, Porto

considerado como um aspeto funcional do espaço, e este com relação ao homem. É uma condição exclusivamente humana.

“Solo los hombres pueden habitar. Habitar es un arte. Únicamente los seres humanos aprendimos a habitar.” (Ivan Illich)

Sendo uma das bases fundamentais da reflexão para a conceção do desenho, especificamente da habitação, que é um dos objetos mais valiosos do homem, que, juntamente com os elementos que se complementam, consegue ser mais do que um artefacto.

“O espaço arquitetónico, está para além da sua representação e das imagens que produz, estas nunca traduzem completamente o seu próprio fenómeno, que se centra na experimentação da qualificação humana do espaço.”¹³

Então, sempre ou quase sempre pensa-se no habitar sob um olhar funcional do espaço, que em relação ao homem, continua a ser um elemento para melhorar suas vidas. Pode ser considerado como uma ação necessária para o desenvolvimento social, cultural e individual do homem, onde o habitar e o desenho estão relacionados e interdependentes.¹⁴

“O conceito de habitar, é por tanto, um conceito construído historicamente, enlaçado com a estrutura social que determina seus conteúdos. É um conceito complexo que não pode-se reduzir a algum dos aspetos particulares que intervém na sua configuração.”¹⁵

Por o que ser homem significasse também habitar e possuir uma habitação. E ao ser uma condição exclusivamente humana, o seu conceito pode-se plantear desde diferentes tópicos, que por vez, estabelecem premissas que antecedem ao processo do desenho, tais como:¹⁶

¹³ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 153

¹⁴ JUAN JOSÉ CUERVO C. (2009). EL DISEÑO COMO BASE HACIA UNA TEORÍA DEL HABITAR. REVISTA KEPES AÑO 6 NO. 5, ENERO – DICIEMBRE, PÁGS. 179 – 190.

¹⁵ LUIS CORTÉS ALCALÁ (1995). LA CUESTIÓN RESIDENCIAL, BASES PARA UNA SOCIOLOGÍA DEL HABITAR. EDITORIAL FUNDAMENTOS. MADRID – ESPAÑA. PÁG. 133.

¹⁶ JUAN JOSÉ CUERVO C. (2009). EL DISEÑO COMO BASE HACIA UNA TEORÍA DEL HABITAR. REVISTA KEPES AÑO 6 NO. 5, ENERO – DICIEMBRE, PÁGS. 179 – 190



Imagem 9 - Habitar

- Habitar como realização, é ter o possuir um lugar, permanente ou temporário, o que permite o desenvolvimento pessoal do ser humano, um espaço de abrigo onde proteger-se, permanecer e cuidar o seu;
- Habitar como significação, onde a pessoa cria e projeta, recordações, vivências e perspectivas de vida, criando o espaço como memória de uma família o grupo;
- Habitar como expressão, adaptação a seu contexto levando esse caos exterior para si, criando uma expressão estética que faz parte da sua forma de ser e estar, de sua intimidade e privacidade.

Então, habitar é a relação que existe entre o homem e o espaço criado pela construção, que é um reflexo da arquitetura; assim pode-se dizer que a construção é a arquitetura, a criação de espaços para dar resposta às necessidades das pessoas, e como um eco de suas ações e pensamentos.

“A arquitetura, é então, a vida, a experiência do espaço, na qual a memória e a circunstância do fenómeno se traduz por um sentido global complexo, e não apenas sensitivo ou intelectual.”¹⁷

Assim, toda a construção é habitar, a relação que existe entre o meio e o fim, da qual recebe sua essência, porque se constrói e se chega a construir na medida que se habita.

“Essas várias construções estão, porém, no âmbito do nosso, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação.”¹⁸

Então, ao falar de Habitar Arquitetura, é o lugar onde passa-se um determinado tempo na realização de uma atividade, seja o trabalho, entretenimento, estudo, convivência,

¹⁷ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 154

¹⁸ BAUEN, WOHNEN, DENKEN (1954). CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR. CONFERÊNCIA PRONUNCIADA POR ACASIÃO DA “SEGUNDA REUNIÃO DE DARMSTADT”, PUBLICADA EM VORTÄGE UND AUFSÄTZE, G. NESKE, PFULLINGEN. PÁG. 1



Imagem 10 - Nova forma de habitar de interesse social, Figuera da Foz, Porto

descanso, etc.; portanto, não podemos dizer que só se habita a nossa casa ou lar, por causa do tempo do dia em que uma pessoa habita nessas diferentes construções.

Que oferece um abrigo, e como um complemento para o desenvolvimento do homem como indivíduo, integrando-os em uma sociedade que se adapte às suas necessidades e crie relações interpessoais com o mundo que o rodeia.

É um conceito em constante evolução, com base na capacidade dos seres humanos de se adaptar ao seu ambiente, criar casas, cidades e produtos que atendam as necessidades dos seres humanos, que foram afetados pelo pensamento, valores, novo modelos familiares e convivências.

“O entendimento da relação harmónica entre os diversos elementos que constituem o espaço, e o homem que o aprende, poderá ser o início de um percurso que devolvera a arquitetura a tradução do espaço humanizado”¹⁹

Adaptações que requerem um período de tempo, que varia de acordo com a magnitude das mudanças e da velocidade com que se faz, entre a forma de pensar e à realização dos seus produtos, no habitar, e até mesmo na cidade.

Mudanças que traz consequências sobre o habitar e as diferentes alternativas e novas ferramentas que permitam o desenvolvimento de estratégias e produtos, com destaque para o habitante.

Contando com um habitar cada vez mais a nossa medida, quantitativa e qualitativamente caracterizados por uma grande variedade de soluções adequadas para a maneira em que nós gostamos ou gostaríamos de viver.

Novas formas de habitar

Embora seja verdade que, como se explica acima, todo o elemento de arquitetura construídas onde passa-se certo tempo determinado no desenvolvimento de uma atividade específica é habitado.

¹⁹ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 39



Imagem 11 - Habitar a casa

Sendo a habitação o único elemento que pode ser modificado individualmente e ao gosto das pessoas que o habitam. Fazer alterações na maneira como vivemos, que se refletem no desenvolvimento das cidades, casas e produtos de uso diário.²⁰

Concebido como um espaço para o consumo individual e coletivo, através da integração específica de seus habitantes na estrutura social, designada como a unidade básica do habitar e por sua vez a família é a unidade básica de residência, afirmando que não pode ser definida, sem a existência de um espaço autónomo e independente.²¹

“Um abrigo contra as intempéries e outros perigos envolventes, sobretudo os que a noite mas propiciava e escondia, um espaço de tranquilidade y descanso foi anseio comum a todos os homens y mulheres ao longo dos tempos. Uma casa. Uma habitação. Maior ou menor, mas requintada e confortável ou mais rustica e desprovida ma, de qualquer modo, uma casa”²²

Além disso, a habitação mais que ser um produto de consumo, também é vivida por aqueles que nela habitam, enquadrando e adaptando as suas atividades diárias, criando momentos e memórias, tornando deste algo próprio, criando um sentimento; e não apenas visto como uma mercadoria a ser comprada e vendida para satisfazer as necessidades sociais.

Dado o fato de, que é o lugar de onde o homem começa a desenvolver-se como individuo e estrutura relações com os outros e o contexto espacial, sendo não só um objeto funcional, mas também um objeto simbólico.²³

“A descoberta do próprio corpo como entidade articulada e em desenvolvimento, permite colocar o entendimento do espaço em dependência do entendimento corporal, ou seja, o desenvolvimento da identidade do

²⁰ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y AFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA.

²¹ LUIS CORTÉS ALCALÁ (1995). LA CUESTIÓN RESIDENCIAL, BASES PARA UNA SOCIOLOGIA DEL HABITAR. EDITORIAL FUNDAMENTOS. MADRID – ESPAÑA.

²² MANUEL SILVIO ALVES CONDE (2011). CONSTRUIR, HABITAR, A CASA MEDIEVAL. CITCEM – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR << CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA >>. BRAGA – PORTUGAL.

²³ JUAN JOSÉ CUERVO C. (2009). EL DISEÑO COMO BASE HACIA UNA TEORÍA DEL HABITAR. REVISTA KEPES AÑO 6 No. 5, ENERO – DICIEMBRE, PÁGS. 179 – 190.

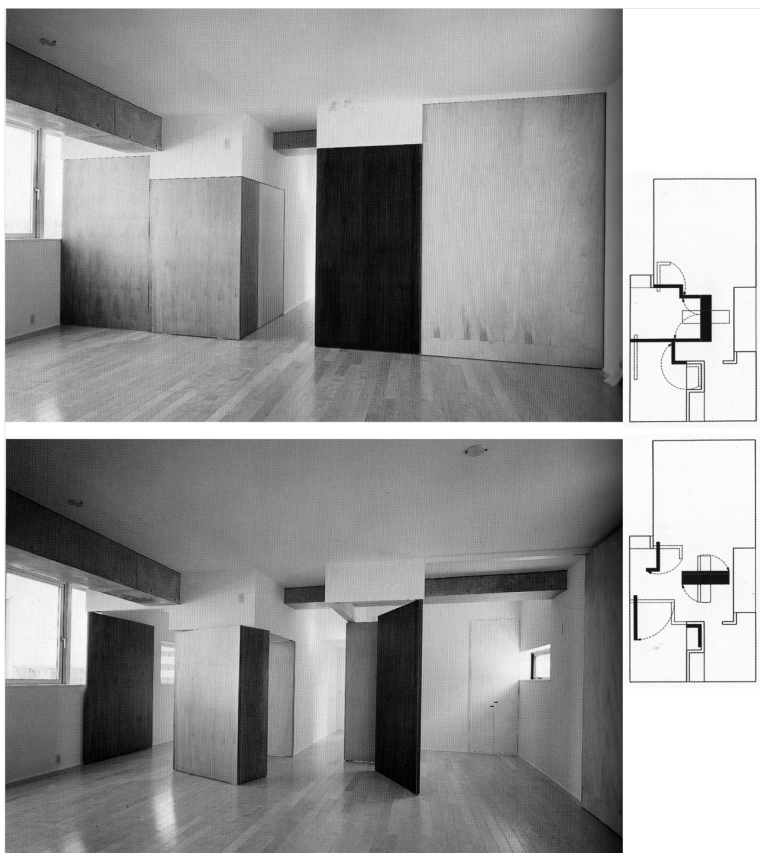


Imagem 12 - Flexibilidade do espaço

*homem, requer um conhecimento profundo no sentido do espaço exterior e do seu corpo.”*²⁴

Espaços baseados nos estilos de vida dos núcleos familiares, que na atualidade tem evoluído de forma transcendental dando a aparição dos novos modelos de famílias e unidades de convivência, que são precisos de entender como é conformado, seu comportamento e valores para poder oferecer em resposta a um produto que se adapta às suas necessidades e desejos.²⁵

Permitindo a criação de espaços flexíveis para o desenvolvimento pessoal de cada um dos membros que a constituem, baseada nas costumes e necessidades muito específicas para cada tipo de agregado familiar.

*“....Resulta vital el hecho de que la estructura familiar se asiente especialmente en la vivienda, es más, se podría afirmar que el modelo actual de familia no puede ser definido sin la existencia de un espacio autónomo e independiente en el que se sustenta los rasgos específicos y las experiencias vitales propias que hacen que un grupo humano se convierta en familia.”*²⁶

Esta adaptação, que busca a flexibilidade dos espaços ao projetar uma casa, é o que origina o que foi chamado Novas Formas de Habitar, como causa e consequência de fatores importantes da atualidade, como eles são: ²⁷

- Fator económico: que busca criar novos elementos arquitetónicos, com o mínimo de desperdício de espaço, materiais, tecnologia e tempo, alcançando habitações mais económicas e acessíveis aos usuários.
- Fator Social: Esta é a relação entre o espaço da habitação e as famílias que a ocupam, as famílias compostas de formas diferentes, com diferentes formas de vida, o que traz a necessidade de criar espaços flexíveis e adaptáveis às necessidades dos seus

²⁴ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 61

²⁵ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y ÁFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA

²⁶ LUIS CORTÉS ALCALÁ (1995). LA CUESTIÓN RESIDENCIAL, BASES PARA UNA SOCIOLOGIA DEL HABITAR. EDITORIAL FUNDAMENTOS. MADRID – ESPAÑA. PÁG. 134

²⁷ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y ÁFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA



Imagem 13 - Mobilidade urbana, Avenida dos Aliados, Porto

habitantes e, portanto, não categorizar os diferentes grupos sociais, permitindo uma dinâmica social.

Por enquanto, ao falar dos novos modos de habitar refere-se a uma casa ou casa, que pode ser definida como um conceito cultural em constante adaptação ao desenvolvimento das sociedades e tempo.²⁸ "Por isso, a habitação é visto como um espaço para o consumo individual e o consumo coletivo através da inserção específica de seus habitantes na estrutura espacial."²⁹

Numa sociedade cuja economia está dirigindo seu progresso, guiado pelos meios de comunicação, criando novos estilos de vida e novas modas, alcançando um desenvolvimento que determinara o investimento em grandes centros, atraindo a periferia das cidades da população do êxodo rural.³⁰

Gerando a procura de novas tecnologias para a construção e o desenho, usadas por os arquitetos, juntamente com a sua criatividade para desenvolver novas formas de habitar, garantindo a contínua evolução dos estilos de vida típicos do nosso tempo.³¹

“A flexibilidade de converter o espaço, nos influencia para a produção em serie de elementos arquitetónicos, que utilizados em diferentes localidades do espaço, definem diferentes tipologias.”³²

Uma dificuldade que tem surgido no desenvolvimento dessas novas ideias do desenho arquitetónico da habitação é dada pela velocidade das mudanças tecnológicas e a mobilidade urbana. O deslocamento da população do êxodo rural para as grandes cidades e da adaptação de um modelo social do consumismo.

De igual maneira, a relação que existe entre desenho arquitetónico e o que as pessoas que o habitam querem, desejam e precisam. A participação das pessoas tornou-se um fator importante no momento da conceção do desenho é uma nova realidade que não só pode ser

²⁸ MARIA MELGAREJO, M., ET AL (1996). NUEVOS MODOS DE HABITAR = NEW WAYS OF HOUSING. COACV. VALENCIA – ESPAÑA.

²⁹ LUIS CORTÉS ALCALÁ (1995). LA CUESTIÓN RESIDENCIAL, BASES PARA UNA SOCIOLOGIA DEL HABITAR. EDITORIAL FUNDAMENTOS. MADRID – ESPAÑA. PÁG. 133

³⁰ VASCO CROFT (2001). ARQUITECTURA E HUMANISMO, O PAPEL DO ARQUITECTO, HOJE, EM PORTUGAL. TERRAMAR – EDITORES, DISTRIBUIDORES E LIVREIROS, LDA. LISBOA – PORTUGAL.

³¹ MARIA MELGAREJO, M., ET AL (1996). NUEVOS MODOS DE HABITAR = NEW WAYS OF HOUSING. COACV. VALENCIA – ESPAÑA.

³² ANTÓNIO JOSÉ NETO FEIRE. A ARQUITECTURA COMO ESPÁCIO MODULAR, FORMA, TIPOLOGIA, SUSTENTABILIDADE, PROJETO. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. UNIVERSIDADE DE BEIRA INTERIOR. COVILHÃ, PORTUGAL. PÁG. 30



Imagem 14 – Habitar a cidade, Rua Santa Catarina, Porto

posta de lado, nem ser esquecido, pois a partir daí, define-se o espaço, a composição do conjunto, para alcançar a melhor solução para seus habitantes.

“Os novos espaços – portadores de símbolos e de ideologia – não são hoje a interpretação imaginária que os seus criadores tinham das condições de vida...”³³

É a definição da função e distribuição dos espaços regido por seu estilo de vida, valores, níveis culturais e singularidades, que mudaram muito nas últimas décadas, deixando para trás o típico conceito preconcebido, que tivemos de como está composto o agregado familiar, qual era a função de cada um dos seus membros e as suas necessidades básicas.³⁴

Assim, procura-se um equilíbrio entre o desenho e a função pretendida, porque não se fala sobre uma questão de habitar, em primeiro lugar, se não do habitante; que habita e cria a habitação. Problema que se tornou na preocupação e a ocupação dos arquitetos em a procura do relacionamento arquitetura – habitação, procurando a flexibilidade do espaço doméstico e ser capaz de permitir a habitação a expressão de comportamentos específicos³⁵, rompendo com os tipos usuais e dar a sensação de espaço no interior da casa, que é cada vez menor.

Habitar a Cidade

No início, o homem vivia em cavernas como se faz menção na primeira parte, uma ação que se desenrolava como um indivíduo ou família sem a hipótese de se relacionar, compartilhar, trabalhar com os outros. Após a criação dos edifícios mais estáveis decorrentes da sua engenhosidade e criatividade, abre a possibilidade de hospedagem no mesmo espaço de vários grupos de indivíduos e famílias, dando início ao desenvolvimento do que chamamos hoje em dia sociedade.

³³ CARLOS NUNO LACERDA LOPES (2014). HABITAR A CENA. DRAFTBOOKS. PORTO – PORTUGAL. PÁG. 153

³⁴ ANTÓNIO JOSÉ NETO FEIRE. A ARQUITECTURA COMO ESPÁCIO MODULAR, FORMA, TIPOLOGIA, SUSTENTABILIDADE, PROJETO. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. UNIVERSIDADE DE BEIRA INTERIOR. COVILHÃ, PORTUGAL.

³⁵ Maria Melgarejo, M., et al (1996). NUEVOS MODOS DE HABITAR = NEW WAYS OF HOUSING. COACV. Valencia – España.



Imagem 15 - Planta do Bairro de Ramalde de Fernando Távora

Evoluindo ao longo do tempo tornando-se aldeias, criação de comunidades que fornecem decorrentes das necessidades dos seus habitantes como o comércio, empregos, distribuição de alimentos e espaços e serviços públicos. Chegar ao desenvolvimento do urbanismo como o conhecemos hoje, que leva em conta o meio ambiente, com foco no bem-estar das pessoas e a elaboração da sua identidade, na coesão social e o caráter mutável e diversificada das necessidades e situações dos seus habitantes e, portanto, a origem das cidades.³⁶

“Importa, hoje em dia, considerar o habitar, verdadeiramente, como o habitar (d)a cidade e mesmo da paisagem, de uma paisagem agradavelmente delimitada, e considerar vivermos num determinado “sitio”, muito mais do que numa dada habitação.”³⁷

A criação da cidade foi até agora a melhor invenção feita pela humanidade, como o desenvolvimento humano na procura de produtos que atendam às necessidades e desejos de seus habitantes, e como um reflexo de sua maneira de ser, de pensar e definitivamente de habitar assumindo suas diferenças sendo capaz de se adaptar e mudar face a diferentes situações.³⁸

Convertido como um meio e fontes de oportunidades, muito atraente para o homem, que melhorou substancialmente o desenvolvimento de técnicas de trabalho, a melhoria da saúde, educação e crescimento no conforto das pessoas que ali habitam.

“A população cresceu de forma exponencial desde o início do século XX. Atualmente, cada década acrescenta um bilhão de pessoas no planeta, o crescimento das cidades é galopante: em 1800, apenas 5% da população mundial vivia em cidades, enquanto que no início da revolução industrial sabe-se que cerca de 30% vivia em cidades; em 2000, 50% da população mundial

³⁶ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y AFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA.

³⁷ FILIPA REMALHETE E RICARDO CARVALHO (2011-2012). HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER. EDIUAL CEU-COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITARIO C.R.L. LISBOA, PORTUGAL. PÁG. 99

³⁸ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y AFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA.



Imagem 16 - Bairro Social Rainha Dona Leonor, Porto

*vive em cidades. Estima-se que em 2050 a população urbana será de 80%, a mesma percentagem de população urbana que tem atualmente a Europa. Isto significa que o grande crescimento urbano mundial será feito fora da Europa mas grandes megalópolis asiáticas, africanas e sul americanas.”*³⁹

Deste modo as cidades acolheram aos cidadãos, logo seus carros, construindo habitações adequadas as necessidades das pessoas que nela habitam e assim tem continuado a sua adaptação até os nossos dias, com a inclusão de mecanismos de participação urbana e medidas contra a exclusão social, a favor da diversidade social com incidência em seu bem-estar e a elaboração da sua identidade.

*“O paradoxo é que estas cidades são cada vez maiores em maior número e são cada vez menos “feitas” por arquitectos. São desenhadas e pensadas pela economia, por processos logísticos e migratórios, processos especulativos e políticos.”*⁴⁰

Cidades que devem proporcionar aos seus habitantes condições aceitáveis para o seu desenvolvimento, tais como habitação, serviços, trabalho, mobilidade, socialização e entretenimento. Assim, é evidente a criação de habitação coletiva nos subúrbios, o fornecimento de redes de estradas e um centro onde se desenvolve o comércio, as empresas e os serviços.

*“Estas invenções têm de ser “factos” bem á medida e de “alta costura”... Estas condicionantes têm a ver com a exigência de que tais soluções redensificadas não podem transigir nos aspetos fundamentais da segurança, privacidade, acessibilidade, conforto ambiental exterior e interior, e referência á escala humana; sendo além disso, soluções que favoreçam o convívio e criem uma imagem urbana atraente e com identidade.”*⁴¹

³⁹ FILIPA REMALHETE E RICARDO CARVALHO (2011-2012). HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER. EDIUAL CEU-COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITARIO C.R.L. LISBOA, PORTUGAL. PÁG. 16

⁴⁰ FILIPA REMALHETE E RICARDO CARVALHO (2011-2012). HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER. EDIUAL CEU-COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITARIO C.R.L. LISBOA, PORTUGAL. PÁG. 16

⁴¹ FILIPA REMALHETE E RICARDO CARVALHO (2011-2012). HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER. EDIUAL CEU-COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITARIO C.R.L. LISBOA, PORTUGAL. PÁG. 100



Imagem 17 - Habitação social, Travessa de Salgueiros, Porto

A arquitetura constrói cidades e influenciar o seu crescimento através do equilíbrio entre o desenvolvimento da densidade, acesso espaços abertos e acesso ao transporte; tudo isso regido sob um bom plano e desenho urbano. Onde *a intervenção do arquiteto é diluída, mas não quer dizer que não tenha o seu lugar, que não seja necessária a intuição e a sua visão artística, questionando o habitar e consequentemente o habitat.* ⁴²

No entanto, o equilíbrio entre a cidade e o campo tem sido afetado, sendo gradualmente destruídas, onde a harmonia entre a paisagem natural e a arquitetura dos espaços urbanos estão começando a ser apenas uma memória; evento a ter lugar a nível mundial e em Portugal, que, no entanto, ainda tem a existência de espaços públicos e naturais, como testemunha do sentido da arquitetura e uma fonte de inspiração para as gerações futuras.⁴³

*“La relación territorio – población ha cambiado drásticamente, y la ciudad no puede ser pensada solo a partir de territorios, sino de comportamientos, y mecanismos que generan la vida urbana.”*⁴⁴

Nas últimas décadas, o desenvolvimento tem sido governada pela economia, política e processos de migração, permitindo a invenção de novas formas de habitar⁴⁵, na procura de soluções adequadas as formas como vivemos e como gostaríamos de viver. Assim, um bom desenho da cidade pode produzir comunidades desejáveis, que fala de integração social, apoiando o acesso à habitação para os mais desfavorecidos. ⁴⁶

Um exemplo disto temos a Cidade do Porto, que ao longo dos anos tornou-se uma das maiores cidades de Portugal, com grande desenvolvimento urbano e absorção de migração da população do êxodo rural. População que por falta de recursos ou conjuntos habitacionais mais acessíveis, têm sido afetados e muitos deles ficando na rua, tornando-se em sem-abrigo, colocando assim a cidade no segundo maior percentual de sem-abrigo de população total país.

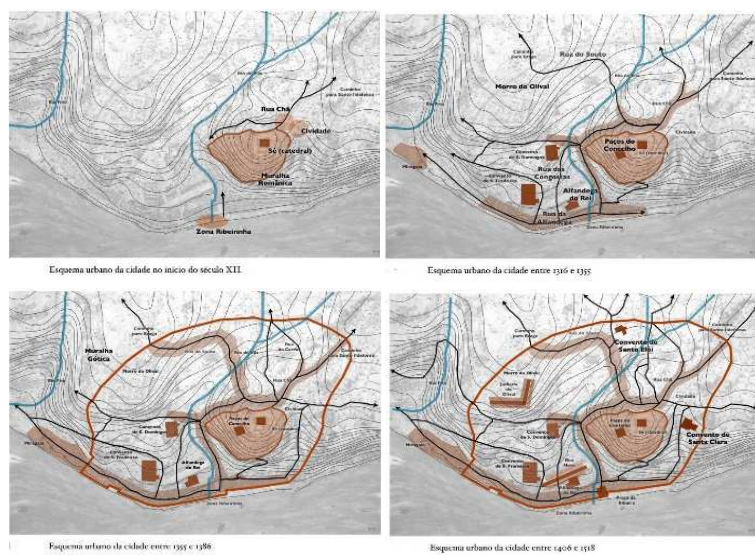
⁴² FILIPA REMALHETE E RICARDO CARVALHO (2011-2012). HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER. EDIUAL CEU-COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITARIO C.R.L. LISBOA, PORTUGAL. PÁG. 17-18

⁴³ VASCO CROFT (2001). ARQUITECTURA E HUMANISMO, O PAPEL DO ARQUITECTO, HOJE, EM PORTUGAL. TERRAMAR – EDITORES, DISTRIBUIDORES E LIVREIROS, LDA. LISBOA – PORTUGAL.

⁴⁴ PILAR ECHAVARRÍA M. (2006). ARQUITECTURA PORTÁTIL, ENTORNOS IMPREDECIBLES. LINKS INTERNACIONAL. BARCELONA – ESPAÑA. PÁG.28

⁴⁵ FILIPA REMALHETE E RICARDO CARVALHO (2011-2012). HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER. EDIUAL CEU-COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITARIO C.R.L. LISBOA, PORTUGAL.

⁴⁶ RODRÍGUEZ, S., ET AL (2009). NUEVAS FORMAS DE HABITAR. AIDIMA (INSTITUTO TECNOLÓGICO DEL MUEBLE, MADERA, EMBALAJE Y ÁFINES), AITEX (INSTITUTO TECNOLÓGICO TEXTIL) E ITC-AICE (INSTITUTO DE TECNOLOGÍA CERÁMICA). VALENCIA, ESPAÑA



Esquema urbano da cidade entre 1316 e 1355

Esquema urbano da cidade entre 1355 e 1386

Espectro urbano da cidade entre 1406 e 1518

Imagem 18 - Evolução urbana da Cidade do Porto

Evolução do habitar na cidade do porto

A Cidade do Porto parte dos tempos Romano, Medieval, Renascentista, Barroco e Neoclássico; nascido à margem norte do Rio Douro, com a construção de uma pequena muralha que transmite uma sensação de proteção. Para o pequeno espaço existente e a elevada densidade de construção, sendo, portanto, a capacidade de desenvolvimento extinta dentro das muralhas, começa a expansão da cidade para fora da desta.

Assim, a conceção de uma última muralha é gerado mais tarde chamado de Fernandina, de forma irregular, que adapta à topografia, a fim de manter um melhor controlo sobre a população que habitava nela, e controlo sobre os interesses económicos; tributação e de mercadorias para dentro e fora da cidade.⁴⁷

A cidade permaneceu por muitos anos dentro destas muralhas, resultando no desenvolvimento urbano inadequados para os seus habitantes, com ruas estreitas, com prédios de frente para dar a sensação de escuridão⁴⁸

“ ... Durante o período românico, a ideologia dominante em termos de urbanismo era a de aliviar, alinear, regularizar, tornar higiénico, y sobretudo, tornar utilitária a cidade...”⁴⁹

Este desenvolvimento arquitetónico e urbano foi a resposta no momento da liquidação da cidade, causada pela passagem da revolução industrial. Onde se criaram as chamadas Ilhas, eles eram apenas construções de pequenos edifícios com quartos para os pobres, que não responderam às suas necessidades.

Mantendo esta tendência, sem mudanças significativas no território citadino, dando continuidade ao crescimento excessivo e descentralização espacial da população, fazendo deste o crescimento da população dominante; saturariam o espaço construído.

⁴⁷ MARIA DO CARMO RIBEIRO, ARNOLDO SOUSA MELO (2012). A MATERIALIZAÇÃO DOS PODERES NO ESPAÇO COMO EXPRESSÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE URBANA MEDIEVAL. CITCEM DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ICS, UNIVERSIDADE DE MINHO. PORTUGAL

⁴⁸ STEFANIE BRAZ ANDRÉ (2014). HIGIENE E DESENVOLVIMENTO URBANO: O PORTO NA TRANSIÇÃO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO. PORTO – PORTUGAL

⁴⁹ FRANCISCO QUEIROZ. CONTRIBUTOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS MAIS RECENTES PROJECTOS DE RENOVAÇÃO URBANA NO NÚCLEO HISTÓRICO DO PORTO. PUBLICADO NO "BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DO PORTO", 4ª SÉRIE, N.º 20, 2002, P. 83-119. PORTO – PORTUGAL



Imagem 19 - Vista da cidade do Porto

Tornando o desenvolvimento urbano, da expansão da cidade num domínio residencial, marcando uma maneira oportuna, as áreas de industriais e comerciais.⁵⁰

Com a implementação de inovações na cidade, em termos de desenvolvimento urbano, como a iluminação pública geral, urinários públicos, o mobiliário urbano nos jardins (bebedouros, bancos de jardim, pódios de ferro), sistemas de incêndio, museus, novos teatros, cafés decorados com a última moda, etc. Como era esperado o Porto foi pioneira em alguns desses desenvolvimentos, como testemunha o Palácio de Cristal em falta ou a primeira linha do elétrico na península ibérica.⁵¹

Cidade que manteve ao longo do tempo com as várias reformas e adaptações do chamado centro histórico, catalogada como "cidade de cultura" onde as decisões foram feitas, preparando-se para uma visão a futuro.

⁵⁰ ISABEL M. FERNANDES R., BREDALACERDA V. (1992). O PROCESSO DE SUBURBANIZAÇÃO NO GRANDE PORTO "A EVOLUÇÃO DA CIDADE DO PORTO E A ESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL DOS CONCELHOS PERIFÉRICOS". UNIVERSIDADE DE PORTO, FACULDADE DE ENGENHARIA. PORTUGAL

⁵¹ FRANCISCO QUEIROZ. CONTRIBUTOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS MAIS RECENTES PROJECTOS DE RENOVAÇÃO URBANA NO NÚCLEO HISTÓRICO DO PORTO. PUBLICADO NO "BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DO PORTO", 4ª SÉRIE, N.º 20, 2002, p. 83-119. PORTO – PORTUGAL

Capítulo II:

Projetar para os desfavorecidos

Após das consequências deixadas da Segunda Guerra Mundial, cria-se uma conscientização os problemas sociais a sua necessidade de reconstruir a cidade segundo os valores humanos e democráticos, o que levou á definição de métodos e processos como a aplicação de técnicas industriais na construção da habitação, adequando-se às tradições e recursos materiais de cada país. Incluindo um programa habitacional, por a necessidade de criar um ordenamento urbano para controlar a construção de grupos habitacionais isolados.⁵²

A pesar, de que Portugal no sentiu da mesma forma á sequela dos efeitos da Segunda Guerra Mundial de igual maneira, tinha reconhecido a importância social e política que implica a problemática da habitação. Facto que deu origem ao regime das casas económicas ou habitação social, transformados em conjuntos residenciais que pretendiam de alguma maneira reproduzir a estrutura das aldeias com a diferença de que estes serem encrustados na cidade⁵³; como exemplo disto se tem os bairros ou colonias municipais do Antero de Quental, Estevão de Vasconcelos, Dr. Manuel Laranjeira e o Viterbo Campos, que foram promovidos pelo município da Cidade do Porto.⁵⁴

⁵² Vasco Croft (2001). *Arquitectura e Humanismo, o papel do arquitecto, hoje, em Portugal*. Terramar – Editores, Distribuidores e Livreiros, LDA. Lisboa – Portugal.

⁵³ Vasco Croft (2001). *Arquitectura e Humanismo, o papel do arquitecto, hoje, em Portugal*. Terramar – Editores, Distribuidores e Livreiros, LDA. Lisboa – Portugal.

⁵⁴ Isabel M. Fernandes R., Breda Lacerda V. (1992). *O processo de suburbanização no grande Porto “A evolução da Cidade do Porto e a estruturação territorial dos concelhos periféricos”*. Universidade de Porto, Faculdade de Engenharia. Portugal.



Imagem 20 - Habitação de interesse social do Monte de São João pelos arquitectos Rui Almeida e Filipe Oliveira Dias, Porto

Na atualidade e segundo os autores Pestana e Gomes, Portugal é um dos países da União Europeia com maiores problemas habitacionais, além da dificuldade da família portuguesa de conseguir uma habitação com padrões mínimos de qualidade e acessíveis a seus rendimentos económicos. Problemática remitida aos poderes públicos, que contam com uma vantagem social ao ter o poder de ordenar física e socialmente a cidade e aos campos vizinhos, podendo assim, desenhar soluções que conduzam a um ordenamento físico e social da vida urbana, constituindo o campo de uma política de habitação social, por vezes esquecida.⁵⁵

Problema certamente da cidade e generalizadamente um problema urbano, onde a industrialização do fabrico das habitações serve de resposta á concentração populacional, inicialmente nos grandes centros da cidade e depois mais difusamente.⁵⁶

Também um problema social derivado das condições do mercado laboral, maioritariamente constituído por uma população em busca de melhores condições de vida, que faz centrar um número crescente de residentes nos grandes centros das cidades e suas áreas de dependência, gerando uma deslocação das massas trabalhadoras que tende a ser de forma permanente entre a quantidade de habitações possíveis de ser edificadas, que faz referencia às condicionantes de posse da propriedade urbana, aos processos de edificação, por excelência privados, aos lugares em que as novas residências se firmam, criando uma morosidade inerente a edificação em massa o que reduz a possibilidade de aceder a uma habitação; e o numero crescente de moradores.⁵⁷

É possível classificar a possibilidade de aceder a uma habitação condigna em três situações socioeconómicas diferentes da população (Vasco Croft, 2001), como são:

- A população com a capacidade económica suficiente para escolher uma casa, moradia ou apartamento, dentro da oferta da iniciativa privada.
- Pessoas de classe media, novos casais em começo da vida e outros, vivendo só do seu ordenado, endivida-se com a Banca para poder comprar um apartamento num subúrbio duma cidade.
- A classe com menos recursos ou insolventes que não tem qualquer hipótese de adquirir ou arrendar uma casa do mercado habitacional.

⁵⁵ Carlos Pestana Barros, J. C. Gomes Santos (1997). A habitação e a reintegração social em Portugal. Vulgata. Lisboa – Portugal.

⁵⁶ Luis V. Batista (1999). **Cidade e Habitação Social**. Celta Editora. Oeiras – Portugal.

⁵⁷ Luis V. Batista (1999). **Cidade e Habitação Social**. Celta Editora. Oeiras – Portugal.



Imagem 21 - Desenvolvimento de Habitação de interesse social da empresa Sedengil em Milheirós, Maia

População por vezes com fraca escolaridade, quase sem uma especialização profissional, com desconhecimento na mobilização dos circuitos urbanos, limitados enormemente na escolha de uma habitação ao ser o salário sua única fonte de rendimento; colocando-as em perigo de uma situação económica e social precária, nalguns casos de forma temporária ou noutros sendo mais grave esta situação de forma permanente.⁵⁸

Situação na qual os interessados na resolução do problema habitacional dão início à criação de estratégias que ofereçam uma resposta a um problema social que é evidente e aparentemente insolúvel, *a permanente insuficiência de habitação num contexto de contínuo aumento da população da “grande cidade”*.⁵⁹

Criando um campo de interesses em torno a habitação social, permitindo que sob uma mesma predefinição socialmente desvalorizada, e por vez, legitimada por o conjunto de ações que os diferentes interventores desenvolvem; se realizem projetos apenas semelhantes quanto à designação.

*“Um programa habitacional popular, como outros programas de equipamentos de uma sociedade de massa, tem uma natureza fundamentalmente repetitiva que lhe advém do carácter de operação urgente e quantitativamente importante, determinada pela atração urbana e se tende a ver justificada pela crescente homogeneização das necessidades fundamentais, tida em conta a mobilidade social.”*⁶⁰

A criação de novos espaços residenciais traz consigo um processo de trabalho que vai desde a sua conceção à execução, o seja, uma avaliação de custos e rentabilização do projeto; que para atingir os determinantes ou diretrizes que geram um projeto urbanístico e arquitetónico dessa magnitude, é preciso ter conhecimento das necessidades, aspirações e potencial económico, das famílias a quem possa interessar, por o que se pode induzir consoante à população a que se destina.⁶¹

⁵⁸ Luis V. Batista (1999). **Cidade e Habitação Social**. Celta Editora. Oeiras – Portugal.

⁵⁹ Luis V. Batista (1999). **Cidade e Habitação Social**. Celta Editora. Oeiras – Portugal. Pág. 9

⁶⁰ Nuno Portas (2008). A arquitectura para hoje, seguido de, evolução da arquitectura moderna em Portugal. Livros Horizontes, LDA. Lisboa – Portugal.

⁶¹ Juan José Cuervo C. (2009). El diseño como base hacia una teoría del habitar. Revista Kepes año 6 No. 5, enero – diciembre, Págs. 179 – 190.



Imagem 22 - Habitação de interesse social pelo arquiteto J.J. Silva Garcia, Póvoa de Varzim.

*“(...) nuestra estructura residencial antes de reflejar las condiciones del modo de producción capitalista es expresión de una organización basada en la estructura familiar.”*⁶²

Neste caso o setor privado é o produtor maioritário escapa habitualmente da lógica da ordenação do espaço edificado, criando um desequilíbrio entre oferta e demanda, sendo incapaz de fornecer uma resposta atempada às mudanças que estão atualmente produzidos nas necessidades dos demandantes, alterações que refletem na nova estrutura das famílias. Tornando este, num estudo de mercado para dar resposta ao empreendedor imobiliário, conhecimento e descrição dos motivos que levam aos demandantes a comprar produtos residenciais específicos.⁶³

*“Este sistema de Urbanização-construção é baseado num mercado livre, agressivo e dinâmico, que vive da maximização dos lucros. E, sendo assim, só funciona bem para isso – servindo e favorecendo as camadas mais ricas da população em detrimento das mais pobres – gerando grandes assimetrias entre a oferta e a procura de habitação.”*⁶⁴

Habitações que segundo a *Guía para la calidad de vivienda de interés social*, deve atender na medida mínima as seguintes funções essenciais dos indivíduos:

- Biológicas: descanso, sono, alimentação, higiene, reprodução.
- Psicossocial: proteção, privacidade, comunicação emocional, informação, reflexão, prazer estético, entretenimento, lazer, educação e desenvolvimento da vida no pessoal, contexto familiar e comunitário.
- Geração de rendimentos: em alguns casos, habitação exige a adaptação de instalações para o desempenho de funções relacionadas com a geração de rendimentos

“Se hace cada vez más necesario trabajar sobre la distribución para proponer espacios más adaptados a nuevas formas de grupos domésticos (las cohabitaciones por ejemplo), a modo de interacción entre las personas que

⁶² Luis Cortés Alcalá (1995). La cuestión residencial, bases para una sociología del habitar. Editorial Fundamentos. Madrid – España. Pág. 134

⁶³ Luis Cortés Alcalá (1995). La cuestión residencial, bases para una sociología del habitar. Editorial Fundamentos. Madrid – España.

⁶⁴ Vasco Croft (2001). Arquitectura e Humanismo, o papel do arquiteto, hoje, em Portugal. Terramar – Editores, Distribuidores e Livreiros, LDA. Lisboa – Portugal. Pág. 289



Imagem 23 - habitação de interesse social da Fontinha pelo arquiteto Rui Passos Mealha, Porto

*están en evolución. Hay que reflexionar también, para adaptar la vivienda a ritmos actuales de la vida cotidiana, sobre formas de ocio, de trabajo y de consumo en mutación.”*⁶⁵

De acordo com os autores António e Pedro Batista Coelho (2009), tem-se que existem alguns aspetos qualitativos em quanto a projeção e construção dos conjuntos habitacionais de interesse social, apontando-se, em seguida, aqueles que se consideram mais significativos, como são:

- A relação mútua, efetiva e afetiva, entre interior e exterior residencial: uma aliança que joga frequentemente em estimulantes soluções de transição e de limiar interior/exterior.
- A crucial importância da diversidade tipológica e da pequena escala urbana das intervenções residenciais: são aspetos diretamente associados à ideia básica de se promover conjuntos residenciais sem qualquer estigma de pobreza e de falta de atratividade
- A essencial adequação aos habitantes: trata-se de um tema que sempre esteve na ordem do sai, só que por vezes, há críticos esquecimentos associados a esta matéria, ou então há um reduzido ou insuficiente conhecimento sobre como atua para se proporcionar uma melhor adequação habitacional considerando modos de habitar mais específicos.
- A qualidade do desenho de arquitetura: é a oportunidade de evidenciar a real e cada vez maior importância da qualidade do desenho habitacional para uma cidade que tem de ser hoje em dia, cada vez mais, uma cidade remitida da falta de desenho e da ausência de outras qualidades que se vivem realmente, mas que tanto andam esquecidas, como é, por exemplo, o caso da convivialidade.
- A adequação à cidade e à paisagem: não é mais que a adequação à cidade e à paisagem/natureza, com preocupações específicas da adequação urbana y paisagística sendo estrategicamente associadas a preocupações de sustentabilidade ambiental.

Onde a qualidade geral alcançada, a diversidade de soluções e a adequação dos habitantes e dos sítios se deveu a o esforço contínuo dos projetistas e técnicos das instituições correspondentes, deixando *a noção de se ter feito esse caminho de evolução da habitação de interesse social portuguesa, e de ter chegado a ideias claras sobre um amplo conjunto de aspetos positivos, a repetir/reinterpretar, e negativos, a erradicar totalmente.*⁶⁶

⁶⁵ Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo (2012). A materialização dos poderes no espaço como expressão da memória e identidade urbana medieval. CITCEM Departamento de Historia, ICS, Universidade de Minho. Portugal.

⁶⁶ Antonio Batista Coelho, Pedro Batista Coelho (2009). Habitação de Interesse Social em Portugal 1988 – 2005. Livros Horizonte, LDA. Lisboa – Portugal.



Imagem 24 - Habitação de interesse social pelo arquiteto Paulo Alzamora, Vila Nova de Gaia

Assim tem-se que em Portugal o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, encarregada da concretização da política definida pelo Governo para as áreas da habitação e da reabilitação urbana destinados ao financiamento de ações de natureza pública, privada ou cooperativa, designadamente relativos à aquisição, construção e reabilitação de imóveis e à reabilitação urbana.⁶⁷

Esta instituição que contém uma Estratégia Nacional para a Habitação, publicada para Junho de 2015, com o propósito de *alargar o acesso a uma habitação e de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos que impõe medidas transversais perspetivadas a longo prazo e articuladas com soluções urbanas sustentáveis Composta por medidas concretas, específicas, elencando também as entidades competentes e os indicadores de monitorização da sua implantação, esta Estratégia assume uma natureza mais operativa, estruturada em três pilares: a Reabilitação Urbana, o Arrendamento Habitacional e a Qualificação dos Alojamentos.*⁶⁸

Estratégia que apresenta um estudo da evolução demográfica em Portugal, que dá como resultado o aumento da produção e oferta da habitação que foram ficando cada vez mais caras ao contrário do que seria explicável, aumento que verifico o grande afastamento da evolução do rendimento disponível das famílias portuguesas. Tornando-se visível para o ano 2008/2009 a crise económica e social que levou ao colapso do setor da construção e do imobiliário.

Mediante o Programa de Assistência Económica e financeira (PAEF) se têm a oportunidade de reformar os modelos e substituir conceitos em que se fundaram as políticas públicas com influência direta na habitação, na construção, no imobiliário e na reabilitação urbana, tais como:

- O novo modelo de financiamento: sem prejuízo de se prever programas financiados a fundo perdido, nomeadamente os relacionados com a habitação social e com as operações de realojamento, o modelo de financiamento a desenvolver deve assentar na capacidade dos projetos gerarem sustentabilidade financeira, ou, quando tal não seja possível, na capacidade de os promotores assumirem, de forma clara e transparente, a disponibilização dos meios necessários para financiar os défices que devem ser previamente quantificados.

⁶⁷ Instituto da Habitação e da Reabilitação urbana. www.portaldahabitacao.pt

⁶⁸ Instituto da Habitação e da Reabilitação urbana (2015). Estratégia Nacional para a Habitação. Pág.3



Imagem 25 - Habitação de interesse social Bairro do Telheiro pelo arquiteto Manuel Correia Fernandes, Matosinhos

- Normas técnicas e regulamentos da construção: é necessário alterar este quadro legislativo e regulamentar, tratando de forma distinta a diversidade de tipos e de soluções de alojamento e garantindo regras adequadas aos diferentes imóveis, promovendo, assim, a recuperação do edificado preexistente e a habitabilidade nos centros urbanos.
- A regeneração urbana e a reabilitação do edificado: este modelo de crescimento e expansão urbana originou o “efeito donut” de esvaziamento dos centros urbanos, principalmente dos centros históricos, nos quais se localiza grande parte de fogos devolutos e sem condições de habitabilidade. Hoje, estamos perante o esgotamento desta política de planeamento, que produziu construção nova e que retirou competitividade às áreas urbanas centrais mais antigas.
- A dinamização do mercado de arrendamento urbano: estas políticas transformaram o investimento no arrendamento e na reabilitação do parque habitacional em negócios de elevado risco, ao que acresce a lentidão da justiça quando se tratava de resolver litígios. O resultado está bem patente na degradação do parque edificado mais antigo.
- A transformação social: a transformação social que se tem registado exige uma resposta capaz de prover à necessidade de mobilidade profissional e que promova uma maior qualidade de vida dos cidadãos.
- As alterações climáticas e a redução das emissões de gases com efeito de estufa: no que respeita ao papel da habitação neste desafio, há dois setores que podem ser positivamente influenciados pelos processos de reabilitação urbana e de dinamização do arrendamento: os edifícios e os transportes. A reabilitação urbana e a dinamização do arrendamento têm que contribuir para modernizar o parque edificado, melhorar a sua eficiência energética e reduzir os consumos energéticos das famílias. Por outro lado, a regeneração dos centros urbanos permite a diminuição dos movimentos pendulares e a redução das emissões de poluentes atmosféricos resultantes do uso do veículo individual.

Por último, e como ponto de maior interesse para esta investigação

- A importância da habitação social no combate à pobreza e à exclusão social: num momento em que o país está a sair de uma das mais graves crises económicas e sociais de que há memória, a luta contra a pobreza e a exclusão social passam, a par da criação de emprego e das prestações sociais, por melhorar as respostas nas questões do alojamento e do habitat. Tornando necessário que se desenvolvam modelos que garantam a mobilidade do parque de habitação social e a sua disponibilização para as famílias cujos rendimentos não lhes permitem aceder a uma habitação condigna no mercado.
Por outro lado, cumpre garantir uma gestão que promova a conservação e a manutenção deste parque habitacional e favoreça modelos de responsabilização dos arrendatários, com o cumprimento das suas obrigações, quer na preservação deste património, quer no pagamento da renda. É igualmente necessário promover medidas de regeneração das áreas urbanas mais carenciadas e a erradicação dos núcleos de alojamentos precários.



Imagem 26 - Habitação de interesse social pelo arquiteto Miguel Leal, Vila do Conde

Por enquanto tem-se, que o papel da habitação social é muito importante para a diversificação, a qualificação e a integração dos bairros sociais no meio urbano e a sua dinamização e valorização económicas; já que as condições de alojamento é um dos elementos mais essenciais na unidade familiar e sua estabilidade, como já foi mencionado no capítulo anterior.

Porém, em Portugal ainda persistem muitas situações de alojamento precário, de comunidades marginalizadas, de pessoas sem-abrigo e de alojamentos sem condições de habitabilidade ou profundamente degradados em centros históricos.⁶⁹ Gerando um desafio na diversificação da habitação no que se refere a sua forma e tipologia, como também a redução da dimensão das habitações, a sua flexibilização e a adaptação às situações de mobilidade condicionada.

Desafio que traz consigo um conjunto significativo de soluções baseadas numa fundamentada inovação dum processo continuado e cuidadoso de experimentação, que possa ir afeiçoando as soluções residenciais, seja a determinadas e específicas formas de habitar a casa e a cidade, seja as novas formas de uso da casa, do bairro e da cidade, necessário para a adaptabilidade que garante a adequação a diversas necessidades e gostos, para a incentivação das boas relações na sociedade.⁷⁰

De aqui, da procura de soluções para a projeção para os desfavorecidos, da projeção para os pobres, tem dado início a uma aventura por novas técnicas de desenho, que são possíveis graças aos avanços tecnológicos de construção, transporte, materiais e informação, criando um movimento nomeado Arquitetura móvel.

Usados e aplicados de diferentes maneiras, desde casas para comunidades rurais até situações de emergência, a traves de unidades móveis e independentes fáceis de transportar, flexíveis, de só um espaço, de materiais leves e resistentes, adaptáveis às mudanças sociais e culturais de uma sociedade.⁷¹

⁶⁹ Instituto da Habitação e da Reabilitação urbana (2015). Estratégia Nacional para a Habitação. Pág.23

⁷⁰ Antonio Batista Coelho, Pedro Batista Coelho (2009). Habitação de Interesse Social em Portugal 1988 – 2005. Livros Horizonte, LDA. Lisboa – Portugal.

⁷¹ Pilar Echavarría M. (2006). Arquitectura Portátil, entornos impredecibles. Links Internacional. Barcelona – España.



Imagem 27 - Vista aerea Bairro Boavista, Lisboa

*“Arquitecturas que flotan, vuelan, ruedan, crecen y encogen, aparecen y desaparecen en la ciudad. Pasan a formar parte del paisaje, del territorio, de la red; son invisibles pero reconocibles e identificables, generan procesos imprevisibles y espontáneos; interfieren en diferentes niveles de realidad, investigan la ciudad y su presente, ocupándola, invadiéndola, releyéndola, invirtiéndola.”*⁷²

Projetos

Um dos principais problemas é o alojamento para as classes mais pobres pelo que se tem desenvolvido muitos projetos que adotam a forma de hipóteses, sendo possíveis pelos novos desenvolvimentos nas tecnologias da construção e matérias principalmente, geradas por diferentes situações e apresentadas como respostas á necessidade ter um abrigo, um alojamento de forma temporária.

*“Arquitecturas camuflantes, inconstantes, caprichosas, audaces, sorprendivas, suspensivas, reactivas, “locales”...”*⁷³

Projetos impulsados com novas técnicas, de desenhos simples e práticos, de fácil montagem e transporte, capazes de dar resposta e abrigo; interessadas em habitantes cujas realidades são complexas e extraordinárias, as vezes simplesmente ignoradas, mas não deixa de ser uma realidade no cenário urbano.

Em Portugal

Em Portugal, além dos bairros feitos para a criação de casas económicas para a população menos privilegiada, tem-se a criação de projetos como o são as **Casas desmontáveis** feitas para famílias pobres, já que os habitantes dos bairros de lata não

⁷² Pilar Echavarría M. (2006). Arquitectura Portátil, entornos impredecibles. Links Internacional. Barcelona – España. Pág.10

⁷³ Pilar Echavarría M. (2006). Arquitectura Portátil, entornos impredecibles. Links Internacional. Barcelona – España. Pág.10



Imagem 28 - Cacifos solidários

podiam adquirir uma casa económica; foram feitas em fibrocimento como habitações temporárias com uma duração prevista de 10 anos. Casa destinadas ao meio rural, contruídas em vilas ou aldeias; como exemplo disto se tem o Bairro da Boavista em Lisboa.⁷⁴



Imagem 29 - Casas desmontáveis

Por outro lado se tem um projeto feito em resposta á problemática da população dos sem-abrigo em Portugal, que até o momento se implementado na Cidade de Lisboa, como é os **Cacifos amarelos** ou **Cacifos solidários** feito por el arquiteto Duarte Paiva, para que os sem-abrigo possam guardar os seus pertences de forma digna e em segurança, considerados como uma melhoria das suas vidas, que não seja um incentivo para ficarem na rua mas sim como uma responsabilidade.⁷⁵



Imagem 30 - Cacifos solidários

⁷⁴ Vasco Croft (2001). Arquitectura e Humanismo, o papel do arquitecto, hoje, em Portugal. Terramar – Editores, Distribuidores e Livreiros, LDA. Lisboa – Portugal. Pág.280

⁷⁵ JULIANA BATISTA (2013). LISBOA ACOLHE «CACIFOS SOLIDÁRIOS» EM OUTUBRO. [HTTP://WWW.FATIMAMMISSIONARIA.PT/ARTIGO.PHP?COD=27562&SEC=7](http://www.fatimamissionaria.pt/artigo.php?cod=27562&sec=7)



Imagem 31 - Vista na rua do Carton House

No Mundo

Entre a grande gama de projetos existentes se faz uma seleção de aqueles que sejam de maior relevância e ajuda para a conceção das propostas realizadas, e como mostra do que tem sido feito e a evolução destes.

Como exemplo destes se tem uma nova modalidade de projetos simples e com materiais baratos como é o cartão que respondem as necessidades de pessoas sem-abrigo; enquanto o mundo não arruma uma solução global pra combater este problema, são inovações como esta que vão nos dando alguma esperança, tais como **Carton House** feita pelo arquiteto Leo Kaufmann no ano de 2002 como proposta para a Bienal de Torino – Itália, que consiste no desenho de uma caixa dobrável de fácil transporte e montagem, que permite um refugio e dormitório⁷⁶; O **Cardborigami** é a criação da designer Tina Hovsepien e consiste em um abrigo feito em forma de origami, capaz de dar uma “casa” temporária a essas pessoas, é fácil de dobrar e não precisa de montagem⁷⁷, e por último tem-se as **Casinhas de papelão** ideadas pela empresa japonesa de design ATELIER OPA a consequência de um desastre natural que deixou milhares de pessoas sem-abrigo, de armado rápido e simples, oferecendo um abrigo temporário.⁷⁸

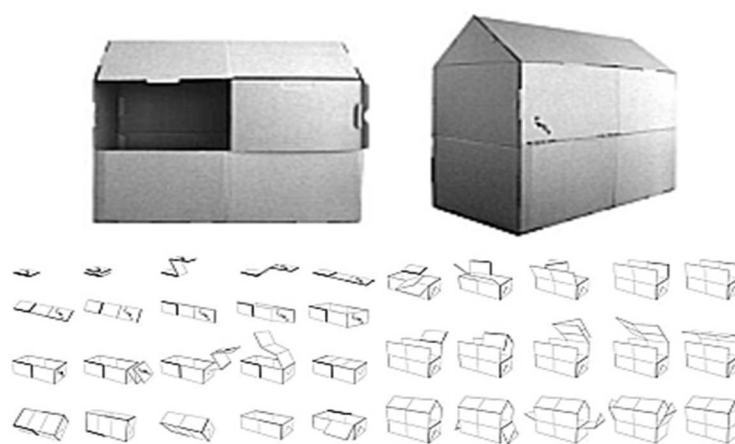


Imagem 32 - Carton House

⁷⁶ PILAR ECHAVARRÍA M. (2006). ARQUITECTURA PORTÁTIL, ENTORNOS IMPREDECIBLES. LINKS INTERNACIONAL. BARCELONA – ESPAÑA. PÁG. 202-103

⁷⁷ EME VIEGAS. DESIGNER CRIA CASA DE PAPELÃO EM FORMA DE ORIGAMI PARA ABRIGAR SEM-TETO. HYPENESS, INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE PARA TODOS.

⁷⁸ OPA Sugihara (2011). Abrigo de papelão. Atelier OPA, Original Product and Architecture.



Imagem 33 - Provas na rua Cardborigami



Imagem 34 - Cardborigami

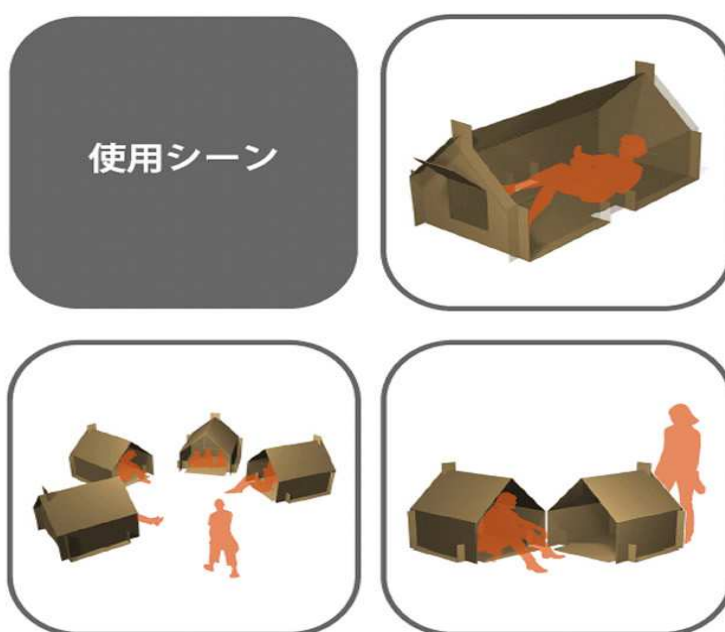


Imagem 35 - Casinhas de papelão

Por outro lado podemos encontrar exemplos de estruturas mais resistentes e leves, de igual maneira transportáveis como é o caso do **Homeless Vehicle Project** criado pelo designer Krzysztof Wodiczko como resposta às necessidades imediatas das pessoas sem-abrigo na cidade de Nova Iorque que se dedicam a recolha de latas, satisfazendo sua necessidades de transporte e refugio, incluindo dormir⁷⁹, lavar e cozinhar; como também tem-se o **FURTIVE** feito pelo arquiteto François Roche, um veículo-espelho para viver e dormir

⁷⁹ PILAR ECHAVARRÍA M. (2006). ARQUITECTURA PORTÁTIL, ENTORNOS IMPREDECIBLES. LINKS INTERNACIONAL. BARCELONA – ESPAÑA. PÁG.192-195

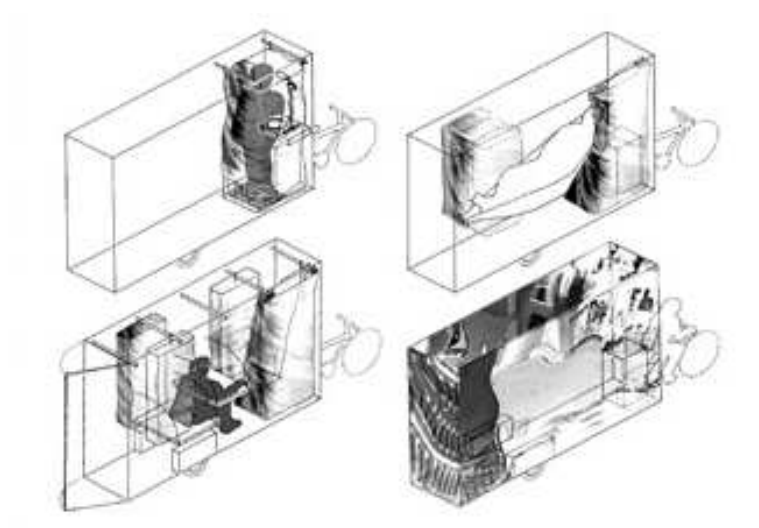


Imagem 36 - Esquema funcionamento do FURTIVE

dentro dele⁸⁰. Além de conseguir outra modalidade tipo tenda como **Life Nexus Village & Refuge Wear** ideado no Studio Orta aproveitando a sua formação como desenhadora de moda cria umas peças de arquitetura modular flexíveis que servem como verdadeiros refúgios de supervivência individuais ou coletivos.⁸¹



Imagem 37 - Homeless Vehicle Project



Imagem 38 - FURTIVE

⁸⁰ PILAR ECHAVARRÍA M. (2006). ARQUITECTURA PORTÁTIL, ENTORNOS IMPREDECIBLES. LINKS INTERNACIONAL. BARCELONA – ESPAÑA. PÁG.196-199

⁸¹ PILAR ECHAVARRÍA M. (2006). ARQUITECTURA PORTÁTIL, ENTORNOS IMPREDECIBLES. LINKS INTERNACIONAL. BARCELONA – ESPAÑA. PÁG. 162-165



Imagem 39 - Markies



Imagem 40 - Life Nexus Village & Refuge Wear

Chegando assim a estruturas mais solidas e duráveis no tempo, com uma imagem de casa oferecendo mais comodidade e conforto com medidas mínimas fixas ou extensíveis de áreas complementarias para satisfazer as necessidades básicas requeridas, como exemplo destas tem-se a **Markies** criado pelo designer Eduard Bohtlingk para participar num concurso de habitação temporárias e concebida como uma casa móvel dividido em três áreas uma central com a cozinha, comedor e casa de banho, num lateral o salão e no outro o quarto⁸², também encontramos projetos que propõe outro tipo de novas técnicas de construção como são as **Cúpulas Sustentáveis** do arquiteto italiano Nicoló Bini que consiste em inflar balões para servirem como fôrmas, e por cima delas é colocado o concreto e o restante dos materiais para a construção de abrigo para refugiados e habitação de baixo custo.⁸³



Imagem 41 - Markies

⁸² PILAR ECHAVARRÍA M. (2006). ARQUITECTURA PORTÁTIL, ENTORNOS IMPREDECIBLES. LINKS INTERNACIONAL. BARCELONA – ESPAÑA. PÁG.86-89

⁸³ VITRINE – PROJETOS (2014).CÚPULAS SUSTENTÁVEIS. CENTRAL DE NOTÍCIAS DA CONSTRUÇÃO, AS INFORMAÇÕES PARA CONSTRUIR O SEU DIA.



Imagem 42 - Vista de rua Home Petit Homem



Imagem 43 - Cúpulas Sustentáveis

Finalmente se tem os projetos de casas que vão dirigidos diretamente á população de sem-abrigos, localizados em lugares estratégicos na cidade e até criam pequenos urbanismos ou vilas, criando comunidades para o seu desenvolvimento e apoio, entre estes podemos encontrar o projeto **Home Petit Home** nos Estados Unidos da América, em Portland – Oregon⁸⁴; este é um pequeno desenvolvimento urbano, composto de pequenas casas, na sua maioria feitas com materiais reciclados, as quais prestam maior conforto e proteção das adversidades climáticas e um maior crescimento como indivíduo, criando pequenas vilas que permitem o desenvolvimento e a integração social nesta comunidade; como também **Homeless Homes Project** uma criação do artista, inventor e construtor de obras controversas Eis Gregory Kloehn que consiste na adaptação e reaproveitamento dos materiais reciclados, que qualquer outro consideraria lixo, dando forma a uma casa com cozinha, quarto, casa de banho e terraço nalguns casos, permitindo a recuperação das vidas de muitos habitantes de cidades.⁸⁵

⁸⁴TIM MURPHY (2015). HOME PETIT HOME. PORTLAND, OREGON.
[HTTP://WWW.BUZZFEED.COM/TIMMURPHYWRITER/TINY-HOMES#.PMKVGEZQX](http://www.buzzfeed.com/timmurphywriter/tiny-homes#.PMKVGEZQX)

⁸⁵ ArchReady (2014). As casas dos sem-abrigos. Green Savers



Imagem 44 - Casa do Homeless Homes Project



Imagem 45 - Home Petit Home



Imagem 46 - Homeless Homes Project

O papel social do Arquiteto

Segundo o Vasco Crosft na sua publicação *Arquitetura e Humanismo*, *o papel do arquiteto, hoje, em Portugal*, podemos dizer que o arquiteto na atualidade esta a ser utilizado como uma ferramenta essencialmente comercial dependente da oferta de trabalho que lhe chega às mãos, fora do âmbito da sua vocação e aptidão ética. Ponto donde se tem de refletir sobre a sua capacidade de influenciar a arquitetura e seu papel na sociedade portuguesa. Considerando que é preciso sua intervenção no desenvolvimento e melhora dos planos urbanísticos que se fazem.



Imagem 47 - Tetris apartments. Blocos de apartamentos do tipo social, Ljubljana – Slovenia

Função que vai além do que a intervenção no urbanismo e arquitetura, também tem como atribuição no seu papel o melhoramento da qualidade da construção no trabalho para e com as comunidades duma sociedade.

“O projeto de arquitetura no atelier orienta a ação pelo desenho, e o desenho adequa-se aos dados fornecidos pelo desejo, pelo “lugar”, para análise, pela inserção num contexto, pela permanente referência á produção disciplinar, e vai-se estabelecendo um compromisso onde o resultado em flexão contínua procura definir a relação da “obra com a vida.”⁸⁶

Assim, no âmbito do que se refere aos projetos de habitação social, se pode dizer que, é a qualidade que tem o arquiteto de abordar os problemas urbanos e utilizar a arquitetura para criar espaços e edificações que sejam bonitas, diferentes e crie surpresa; que dê para ver aos mais pobres uma coisa nova, transformando-se numa arquitetura mais humana.

Como diz o arquiteto Alejandro Aravena *“Precisamos esquecer a ideia de que arquitetura para pobre é arquitetura pobre. Tem que ser a mesma arquitetura digna. O espaço público é tão importante quanto às edificações.”*



Imagem 48 - Arquitetura e sociedade

⁸⁶ Carlos Nuno Lacerda Lopes (2014). Habitar a Cena. DraftBooks. Porto – Portugal. Pág.124

Capítulo III:

Os sem-abrigo

Os sem-abrigo é uma realidade mundial, considerado um fenómeno urbano e que pode-se evidenciar no dia-a-dia nas ruas das grandes cidades dum país.

Sem-abrigo, Um conceito que não tem uma definição exata, severa ou específica onde o seu significado é consideravelmente diferente para cada nação e é consente da sua presença, o que dificulta, a sua compreensão e cálculo da sua permanência e perseverança. Obtendo um conjunto de definições dadas a esta situação baseadas em algumas variáveis observáveis e merecedoras de ser estudadas, que na sua maioria distinguem-se em: o estilo de vida, localização, permanência de ocupação da habitação ou segurança da posse da habitação, qualidade da habitação e requisitos sociais.⁸⁷

Definição que é essencial para encontrar soluções adequadas para esta situação, além de uma série de atitudes e características desta população, sendo necessário elaborar um conceito global tendo em conta diferenças regionais, como: clima, tradições, cultura, infraestruturas sociais, os sistemas de providências e as questões financeiras. Gerando uma série de interrogantes como: quantos são; quem são; porque se encontram nesta situação; que fazem para ganhar dinheiro; onde estavam localizados anteriormente; quais são as suas expectativas; questões cujas respostas são primordiais para encontrar as soluções mais adequadas y duráveis no tempo.⁸⁸

Partindo desta premissa podemos dizer que, considera-se uma pessoa sem-abrigo aquela que independentemente da sua nacionalidade, idade, sexo, condição socioeconómica, saúde física e mental, encontra-se sem habitação em situações de exclusão social extrema, vivendo em espaços públicos (parques, becos, ruas), alojados em abrigos de emergência ou

⁸⁷ MARTA MIGUEL, O., ET AL (2010). MODELO DE ATITUDES FACE AOS SEM-ABRIGO EM PORTUGAL. LISBOA – PORTUGAL.

⁸⁸ MARTA MIGUEL, O., ET AL (2010). MODELO DE ATITUDES FACE AOS SEM-ABRIGO EM PORTUGAL. LISBOA – PORTUGAL.



Imagem 49 - Sem-abrigos na estação do metro, Porto

em locais inseguros (edificações abandonados), em alojamentos temporários, degradando física e mentalmente, como reflexo de seu face e aparência física, dificultando cada vez mais o seu regresso ao campo de trabalho e a sua reintegração na sociedade.⁸⁹

Segundo o AMI (Assistência Médica Integral) de Portugal, “*é sem-abrigo toda pessoa que não possui residência fixa, pernoita nas ruas, nos carros e locais abandonados, estações de metro ou estações de trem, contentores, ou aquele indivíduo que recorre a alternativas habitacionais precárias como albergues noturnos, quartos ou espaços cedidos por familiares, ou que se encontra a viver temporariamente em instituições, centros de recuperação, hospital ou prisão. Em termos mais exatos, a situação é firme a falta de uma habitação digna e estável.*”⁹⁰

Pessoas que tem atitudes características, informação obtida da recolção direta das experiências vividas, fazendo-as mais estáveis e duráveis no tempo; e de informação indireta obtida da interação com outros. Atitudes que podem estar ligadas às experiências emocionais.⁹¹

Situação que está sendo tratada por diferentes instituições e organizações criadas para ajudar e aportar ideias para a prevenção de pessoas que estão nesta situação de sem-abrigo. Por outro lado, do mesmo modo é necessário que a população em geral tenha conhecimento desta problemática, estar bem informada e entenda os problemas aos quais tem de enfrentar ante esta situação dos sem-abrigos, porque pode constituir uma ferramenta e um apoio para guiar aos interventores e políticos nos delineamentos de programas de intervenção. Porque, si se desejam soluções que resolvam esta problemática logrando uma reintegração social na comunidade, é indispensável entender a visão que estes tem acerca de este problema e das pessoas afetadas pelo mesmo, ou seja os sem-abrigos.⁹²

Os sem-abrigo em Portugal

Em Portugal os sem-abrigo são considerados um fenómeno da marginalização extrema, de marcação urbana, sendo consideradas pessoas nesta situação aquelas que dormem na rua, os que não possuem uma habitação ou aqueles que recorrem aos serviços de

⁸⁹ INSTITUTO DE SEGURANÇA SOCIAL, I.P. (2011). ESTUDO DOS SEM-ABRIGO. LISBOA – PORTUGAL.

⁹⁰ AMI (2007). O QUE É UM SEM-ABRIGO, SEM-ABRIGO CARACTERIZAÇÃO DO FENÓMENO. [HTTP://AMI.ORG.PT/DEFAULT.ASP?ID=P1P211P215P340P281&L=1](http://ami.org.pt/default.asp?id=P1P211P215P340P281&L=1)

⁹¹ MARTA MIGUEL, O., ET AL (2010). MODELO DE ATITUDES FACE AOS SEM-ABRIGO EM PORTUGAL. LISBOA – PORTUGAL.

⁹² MARTA MIGUEL, O., ET AL (2010). MODELO DE ATITUDES FACE AOS SEM-ABRIGO EM PORTUGAL. LISBOA – PORTUGAL.



Imagem 50 - Sem abrigo na Rua Sá da bandeira, Dezembro 2014, Porto

emergência, na sua maioria homens em idades ativas (30 aos 40 anos), solteiros e divorciados, da nacionalidade portuguesa e de baixo nível educativo.⁹³

Que, devido as alterações sociais e económicas ocorridos nos últimos anos na sociedade portuguesa origina a aparição de um subgrupo nesta população ou como tem sido nomeados os novos sem-abrigos, conformado por pessoas com um maior nível de instrução académica constituindo um 12% com ensino secundário e um 4% com estudos medio/superior, da população total dos sem-abrigos.⁹⁴ Além das aparições de mais mulheres e crianças revelando o agravamento da pobreza no país.

Fenómeno do qual as instituições e organizações que estão a cargo de forma direta do trabalho com a população, para lograr uma caracterização que melhore os planos e estratégias de intervenção, tendo em conta a singularidade dos processos e das situações presentes.⁹⁵ Onde as respostas existentes vão dirigidas aos homens, por enquanto, é um fenómeno maioritariamente masculino pela qual as mulheres representam uma situação de perda mais marcada.⁹⁶

A população dos sem-abrigos cujo número vai em aumento, causado principalmente pela crise atual que atravessa o país contabilizando uma população de aproximadamente mais de cinco mil pessoas nesta situação, segundo as cifras oficiais para o ano 2014 onde só um 90% de esta população se encontra concentrada nas principais cidades do país como Lisboa e Porto.⁹⁷

Os sem-abrigo na Cidade do Porto

Devido a este fenómeno dos sem-abrigos causado por diferentes fatores, onde a mobilização urbana, o êxodo da população rural das grandes cidades e da crise económica que atravessa o país, tem feito que esta população esteja a aumentar, deixando a cidade do

⁹³ JOAQUIM AZEVEDO, ISABEL BAPTISTA (2008-2009). PORTO SOLIDÁRIO – DIAGNÓSTICO SOCIAL DO PORTO. FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - CENTRO REGIONAL DO PORTO – PÓLO DA FOZ.

⁹⁴ INSTITUTO DE SEGURANÇA SOCIAL, I.P. (2011). ESTUDO DOS SEM-ABRIGO. LISBOA – PORTUGAL.

⁹⁵ INSTITUTO DE SEGURANÇA SOCIAL, I.P. (2011). ESTUDO DOS SEM-ABRIGO. LISBOA – PORTUGAL.

⁹⁶ AMI (2007). O QUE É UM SEM-ABRIGO, SEM-ABRIGO CARACTERIZAÇÃO DO FENÓMENO. [HTTP://AMI.ORG.PT/DEFAULT.ASP?ID=P1P211P215P340P281&L=1](http://ami.org.pt/default.asp?id=P1P211P215P340P281&L=1)

⁹⁷ PATRÍCIA JESUS (2014). COM ABRIGO E A PROCURA DE UM FINAL FELIZ. DN PORTUGAL.



Imagem 51 - Sem-abrigo que pernota na rua

Porto no segundo lugar com um 16% da população total de sem-abrigos; sob Lisboa que contém um 48% da mesma.⁹⁸

Cidade que conta com uma grande rede de instituições e associações que oferecem ajuda e serviços a esta população, destacando principalmente a contribuição e distribuição de ajudas que abastecem as necessidades básicas como alojamento, comida, roupa, higiene e saúde, a uma população que na sua maioria é a primeira vez que se encontram nesta situação.

Segundo o estudo dos sem-abrigo feito pelo Instituto de Segurança Social, P.I. desta população sem-abrigos publicado no seu portal para o ano 2011, temos um cálculo da população segundo o seu estilo de vida, localização, permanência da ocupação da habitação ou seguridade da habitação (ver Gráfico – 1), mostrando que a parte da população mais prevalente na cidade são aqueles que vivem na rua.

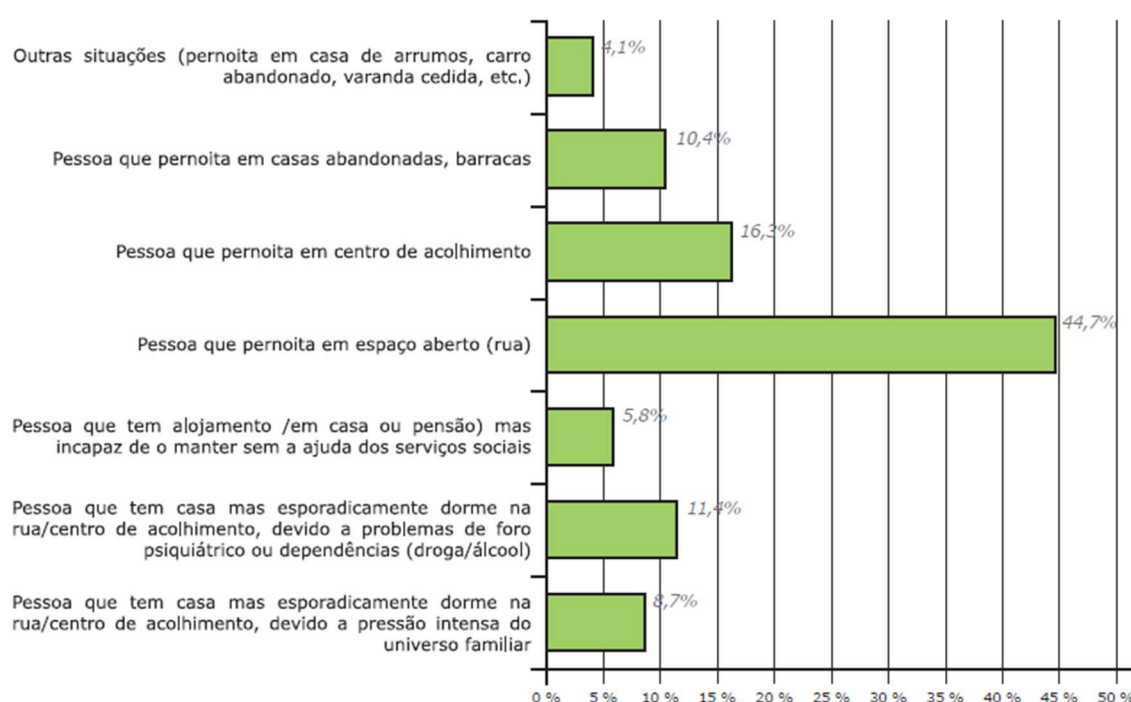


Gráfico 1 - População de sem-abrigos segundo o modo em que habitam, Cidade do Porto, ISS, P.I. (2003)

⁹⁸ JOAQUIM AZEVEDO, ISABEL BAPTISTA (2008-2009). PORTO SOLIDÁRIO – DIAGNÓSTICO SOCIAL DO PORTO. FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - CENTRO REGIONAL DO PORTO – PÓLO DA FOZ

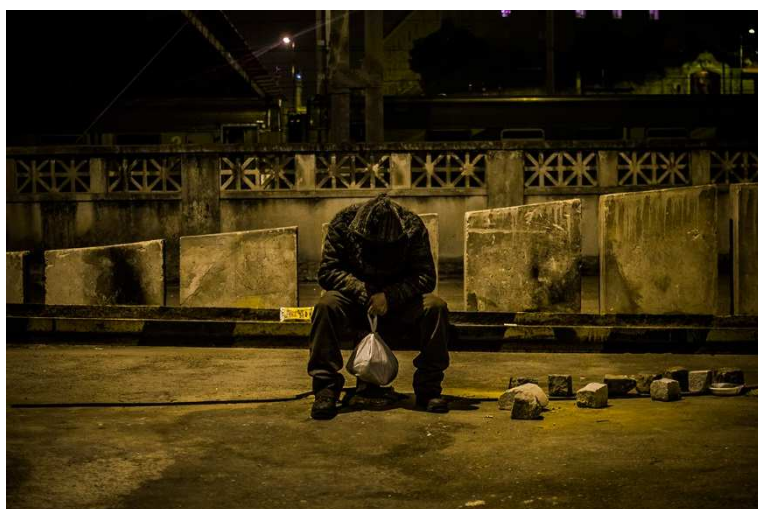


Imagem 52 - Sem-abrigo em situação de exclusão social

Causas da sua aparição

Embora os sem-abrigos são definidos de modos diferentes ao longo do tempo e dependendo do país que é afetado por esta situação, porém, encontramos pontos comuns aos conceituar.

Tendo em conta esta definição global dada a população dos sem-abrigos podemos dizer que, é a incapacidade que tem uma pessoa de manter uma habitação fixa e adequada, quer própria ou alugada, onde se possa estabelecer e desenvolver-se como individuo, e tendo em consideração o estudo da população sem-abrigos em Portugal feito pelo Instituto de Segurança Social, P.I., se pode classificar as causas desta condição em diferentes fatores ou problemas, que afetam as pessoas de forma individual ou em conjunto, tais como:⁹⁹

Problemas Familiares

Este é o caminho marcado pela instabilidade familiar que pode começar em idade prematura de uma pessoa, levando-o para uma situação de sem-abrigo pela saída da casa do seus pais para ir viver em casa de outro familiar, outras famílias, no centro de acolhida para menores ou para a rua, por problemas familiares, perda afetiva ou outras.

Temos saídas de maneira voluntaria que si fazemos uma divisão por gênero descobrimos que as mulheres saírem em idade mais jovens que os homens, que em sua maioria o fazem para ir viver com um parceiro com a intenção de formar uma família com idade entre 18 e 25 anos; da mesma forma á casos de pessoas que saírem de casa sem ter a maioria de idade.

Por outro lado, temos casos em que as pessoas foram forçadas a sair de casa ao ter sido expulsos por problemas com um ou vários membros da família, por não ter dinheiro para ajudar a pagar as despesas da casa, por terem ido a centros de desintoxicação ou prisão.

E por ultimo, temos as ruturas familiares entre os cônjuges pelas diferentes razões sendo a mais grave de todas a violência doméstica, situação que deixa sem lugar a onde ir na procura de um abrigo, como também os que sofrem perdas familiares como os pais ou casal que eram o apoio e o sustento da habitação, arrastando a estas situação por falta de dinheiro para manter uma habitação decente e confortável.

⁹⁹ INSTITUTO DE SEGURANÇA SOCIAL, I.P. (2011). ESTUDO DOS SEM-ABRIGO. LISBOA – PORTUGAL.



Imagem 53 - Ocupação do espaço social por sem-abrigos

São ruturas que pode ocorrer a qualquer nível, pais e filhos, casais, irmãos, familiares e famílias de acolhida, independentemente da idade ou sexo, sendo expostos a situações de extrema exclusão, vivendo em condições precárias ou nas ruas.

Problemas de alojamiento

Este é caracterizado por uma combinação de três dimensões essenciais: a ocupação de espaço físico, regime de ocupação e apropriação do espaço social.

Pessoas que permanecem em uma situação de alojamento temporário, ou seja tempo indefinido e dependentes da ajuda de instituições permanecendo em quartos, pensão, residências ou hospedeiras, caraterizados por serem espaços pequenos, individuais ou compartilhado, com áreas comuns compartilhados (casa de banho e cozinha).

Não consideradas principalmente como sem-abrigo mas sim como pessoas vulneráveis em decair nesta situação, uma vez que vivem em condições precárias, de instabilidade e insegurança, á mercê da decisão das instituições de seguir ou não mantendo o seu serviço a essas pessoas, deixando a rua como a forma mais viável. Situação derivada como consequência de ruturas familiares, económicas e profissionais.

Não podemos esquecer a existência de esta realidade nas medidas e políticas tomadas para fazer frente a esta situação, para evitar a situação de viver na rua. Neste sentido, o prolongamento desta situação de instabilidade para uma pessoa, irá gerar sem dúvidas um sem-abrigo.

Problemas de salud

As condições de saúde da população estão fortemente relacionados com a qualidade de vida que possui, entrelaçada com uma série de fatores que determinam a existência de doenças crónicas, acidentes, incapacidades, tratamentos, vícios e consumos de drogas. Fatores biológicos que determinam a situação muito particular por gênero, fatores sociais relacionadas ao estilo de vida, fatores económicos que resultam pelo tipo de vida que levam, fator de educação permitindo a capacidade de estar informado e, finalmente, a mudança de fatores climáticos para cada época e região.



Imagem 54 - Sem-abrigo a pedir ajuda na rua

Todas estas tem como resultado situações menos saudáveis agravando a situação socioeconómica acentuando a pobreza e exclusão social dando origem a situações de sem-abrigo; carecem de cuidados primários, sem fácil acesso e medicamentos ao serem incapazes de pagar, recorrendo as instituições de ajuda para remediar esta situação.

Falta de empleo

O trabalho tem um valor fundamental para a integração social, já que é uma dimensão que valida e integra aos indivíduos que trabalham, convertido em um membro ativo e produtivo da sociedade, daí a importância de possuir um.

Sendo uma das principais razões pelas quais as pessoas acabam em situações de sem-abrigo, mais tecnicamente chamada rutura laboral, por várias razões, tais como idade, falta de alojamento, baixo nível de educação e formação profissional, tornam difícil acesso ao um emprego estável e bem remunerado.

Além disso, é o caso de pessoas que ainda têm um emprego, sendo estas um terço da população, mas tem sido incapaz de manter-lo por aspetos económicos, dependências, tais como drogas e álcool, doenças mentais e de saúde; razões principais para serem demitido. Tendo como resultado pessoas sem motivação, resignado, que perderam o seu hábito laboral, por falta de apoios institucionais e não ser capaz de ter acesso ao centro de desemprego e não ter direito ao subsídio de emprego, incapaz de satisfazer suas necessidades básicas de habitação, higiene e alimentação, que são essenciais para encontrar um emprego.

Salida de instituciones

Situação favorável quando as instituições de apoio ajudam a conceder habitações temporárias a pessoas com problemas de alojamento, como medida preventiva ou iniciar a reintegração social para aqueles que foram retirados das ruas.

Ao perder essa assistência não existem meios financeiros para se sustentar, onde ficar durante a noite e satisfazer suas necessidades básicas de alimentos e produtos de higiene pessoal, sem nenhum lugar para onde ir sendo a rua o caminho mais viável para ter acesso a um lugar onde habitar, como mencionado em seções anteriores. Tomando espaços



Imagem 55 - Abrigo improvisado

públicos de uma cidade como um abrigo em condições precárias e inseguras e expondo sua saúde e integridade física, ficando em extrema exclusão social, já que nessa situação as oportunidades de conseguir um emprego ou a subsistência é drasticamente reduzida, por não ser condições aptas e estáveis em uma pessoa, tornando-se um sem-abrigo.

Salida de prisión

Este problema leva a derivação de outra já mencionado, por ser pessoas que possuem um antecedente deste tipo abstém-se de procurar novas relações sociais e laborais por estar fora deste recinto, porque a própria sociedade descartá-lo e não oferece as mesmas possibilidades e oportunidades de uma pessoa que possui, sendo uns marginados sociais.

Sendo desprezado por amigos e familiares, sem deixá-los voltar para casa, ficando sem casa, buscando ajuda de instituições para dar acesso a necessidades básicas que precisam para sua subsistência (dormir, comer, limpeza), vivendo em condições precárias ou nas ruas, tornando-se um sem-abrigo; porque representa um perigo para a sociedade.

Problemas de legalidad

Novos pobres derivados das transformações socioeconômicos da sociedade que os acolhe no novo país da residência ao qual decidiram emigrar, terminando por viver na rua em condições de habitação precária, convertendo-lhes em sem-abrigo.

Com idade entre 26 e 55, de ambos os sexos, sendo mais acentuada a presença do sexo masculino por encima do feminino, imigrante por opção na busca de novas oportunidades de emprego e uma melhor qualidade de vida; situação que é complicada pela perda de postos de trabalho obtido que levou a essa condição, a falta de empregos e oportunidades no país, não possuir documentação que os torna ilegais e dificuldade com o idioma em que não é o mesmo que o do seu país de origem.

Fatores que não têm estabilidade econômica que lhes garante manter um quarto em boas condições ou tiver apenas um, socialmente marginalizados, sem amigos ou família a quem recorrer, deixando como único meio para resolver esta situação instituições de ajuda, ou na



Imagem 56 - A rua como nova casa para habitar

pior das hipóteses, às vezes por falta de informação causada pela dificuldade da língua acabam vivendo nas ruas.¹⁰⁰

Otras

Neste caso, a situação sem-abrigo é causado por fatores que têm pouco a ver com aqueles já mencionados acima, tais como: problemas com vizinhos e amigos, colocando-os em uma situação semelhante à desagregação familiar, uma sociedade que não oferece ajuda, mas em muitos casos pela ignorância desta situação, o que nos leva ao último fator a falta de ingresso e não têm meios de subsistência com a qual poder pagar as contas levando a esta situação de sem-abrigo.

Opción de vida

As pessoas que decidem sair das suas casas, dos seus lares que lhes dá abrigo e resguardo necessário desenvolver-se como pessoa, decidir viver uma vida nômade nas ruas, sem importar onde vá ou onde pode dormir, sem recursos para alimentar-se ou trabalho que gera ingressos, não querem aceitar a ajuda de familiares ou amigos, censurando o mundo ao seu redor em uma vida de miséria.

A maioria deles são pessoas com vícios de drogas, álcool ou doença mental, adotam esse estilo de vida porque eles gostam, fazendo toda a ajuda oferecida para melhorar a sua situação em vão, aceitando apenas ajuda como alimentos, roupas ou cobertores em alguns casos, pedindo dinheiro nas ruas para sobreviver. Pessoas que não querem sair das ruas.

Para finalizar se faz referência ao gráfico tomado do mesmo estudo sobre a população sem-abrigo em Portugal feito pelo Instituto de Segurança Social, I.P., com a percentagem (%) de cada um dos problemas descritos, onde vê-se de maneira notável as problemáticas mais agravantes que levam a uma pessoa a ficar nesta situação tão precária.

¹⁰⁰ Teresa Líbano Monteiro (2013). Inmigrantes Sem-abrigo em Portugal. Observatório da Imigração. Lisboa – Portugal.



Imagem 57 - Novos quartos para dormir

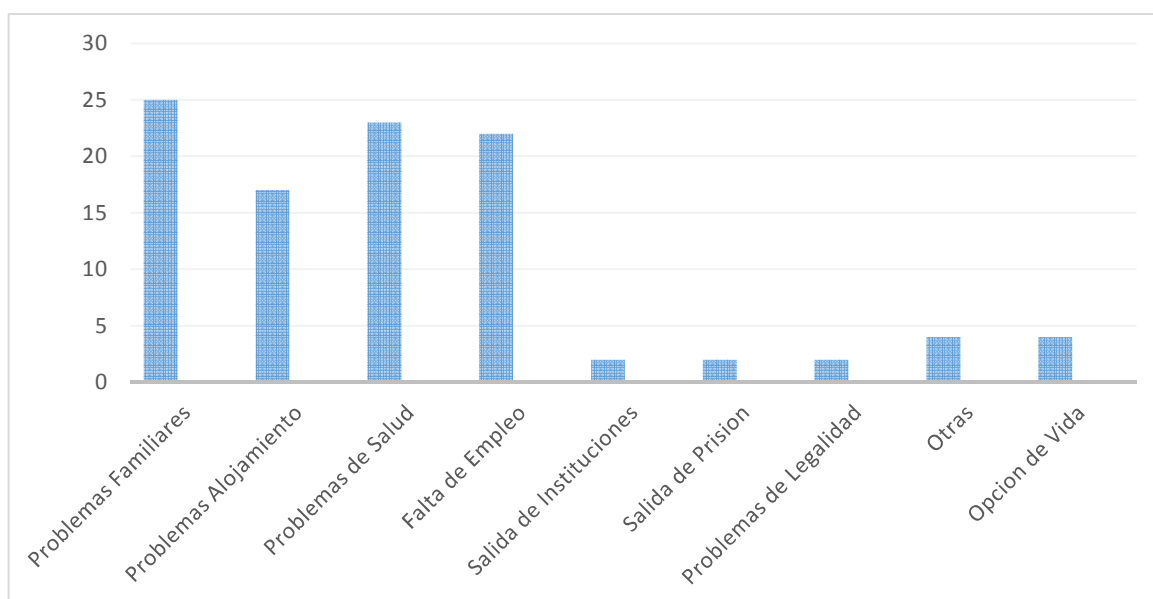


Gráfico 2 - Problemas que conduziram á situação sem-abrigo

Além disso, e para uma melhor e fácil compreensão dos problemas descritos e os principais fatores de cada um desses, que tem de ser tido em consideração ao momento de definir uma pessoa sem-abrigo; é adicionado um quadro-resumo, tomado do estudo sobre a população sem-abrigo em Portugal pela Segurança Social, I.P no ano de 2005. Para facilitar o reconhecimento de cada um destes com características específicas.

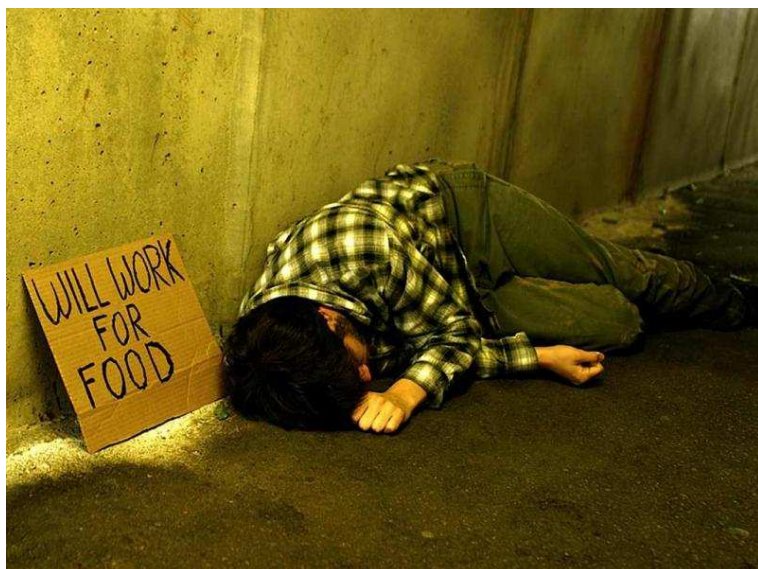


Imagem 58 - Sem-abrigo por falta de trabalho

Tabela 1 - Problemas que conduziram a situação sem-abrigo, ISS, I.P. (2005)

Problemas familiares	As pessoas com quem vivia já não o podiam ter em casa
	As pessoas com quem vivia já não o queriam ter em casa
	Violência doméstica
	Separação/divórcio dos pais
	Problemas familiares não especificados
	Falecimento de familiares
Problemas com alojamento	Falta de alojamento
	Dívidas de empréstimo
	Dívidas de renda casa
	Disputa de casa
	Ação de despejo
	Habitação sem condições
problemas de saúde	Toxicodependência
	Alcoolismo
	Doença física
	Doença mental
problemas de emprego	Ficou desempregado/a
	Sem trabalho
	Conflitos no trabalho
	Falta de trabalho
saída de instituições	Saída de estabelecimento hospitalar
	Saída de outra instituição
	Encerramento da instituição de apoio
saída de prisão	Saída de estabelecimento prisional
problemas de legalidade	Ilegal
	Acidente de trabalho
	Sem documentação
	Mudança de país
	Dificuldades no Português
outras	Conflitos com vizinhos/amigos
	Sociedade não ajuda
	Sem rendimentos
	Burlas/bruxedo
	Indefinido
Opção de vida	Opção de vida



Imagem 59 - Sem-abrigo sem lugar onde ir

De igual forma se apresenta a proposta a reestruturação ou a criação de respostas específicas para a população sem-abrigo, segundo o estudo da população sem-abrigo apresentado pelo Instituto de Segurança Social, IP, nas problemáticas mais agravantes que levam a uma pessoa a ficar nesta situação, como o são:

- Saúde: criação de residências protegidas para os doentes de saúde mental crónicos, com atividades ocupacionais e de emprego protegido; articulação com o Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT), facilitando o acesso a programas de desintoxicação e de inserção específicos; articulação com o Ministério da Saúde no apoio aos alcoólicos; garantir apoio médico continuado e interface entre serviços sociais e de saúde.

- Alojamento: reestruturação e aumento da rede de alojamento transitório; criação de alojamento assistido, de um programa de habitação social para as pessoas sem-abrigo; uniformização de padrões de qualidade dos alojamentos e experimentação de modelos de housing first.

- Emprego: promoção de projetos de requalificação e integração profissional de inserção faseada, adequados aos perfis e faixa etária das pessoas.

Classificação dos sem-abrigos

Tendo em conta o exposto, quando se fala de população sem-abrigos fazemos referência a o seu estilo de vida, localização, permanência da ocupação da habitação ou seguridade da habitação, qualidade da habitação e requisitos sociais, obtendo-se assim uma classificação segundo a informação obtida do estudo do MODELO DE ATITUDES FACE AOS SEM-ABRIGO EM PORTUGAL, de quatro categorias conceituais diferentes desta população baseado na falta de residência, tal como eles são:³⁶

Sem-teto

É a maneira em que esta população de sem-abrigos é mais visível na sociedade, dormem e vivem ao ar livre, na rua e espaços públicos.



Imagem 60 - Sem-abrigo na sociedade

Sem-casa

Eles são as pessoas que têm acesso a abrigos de emergência ou instituições de longa permanência, mas eles continuam a ser classificados como sem-abrigo devido à falta de apoio para facilitar a sua reintegração na sociedade.

Habitação insegura

Eles são pessoas que permanecem em alojamentos temporários e inseguro devido à falta de acesso a uma habitação permanente, incluindo pessoas que partilham casa involuntariamente e em circunstâncias absurdas e que a sua segurança está ameaçada pela violência.

Alojamento impróprio

Esta é a parte da população que vive em alojamento que não pode ser considerado como espaço adequado, pela superpopulação ou ficar em uma caravana ou barco ou garagem, porque não se pode dizer que é melhor viver em uma de estas condições a ser um sem-casa e permanecer em um abrigo de emergência.

Categorias que definem na sua vez treze (13) categorias operacionais que servem de ferramentas e ajuda para a recolha de dados, para uma melhor compreensão da situação e as necessidades dessa população, sendo uma ferramenta para o desenvolvimento de planos e políticas para alcançar os diversos objetivos. Como mostra-se na Tabela 1 em quatro categorias conceituais com suas respectivas categorias operacionais, derivando uma subcategoria com a definição de cada uma delas, para uma fácil, rápida e melhor compreensão.



Imagem 61 - Habitação inadequada

Tabela 2 - ETHOS – Tipologia Europeia de Sem-Abrigo e Exclusão Habitacional (FEANTSA, 2006)

CATEGORIA CONCEPTUAL		CATEGORIA OPERACIONAL	SUB-CATEGORIA	DEFINIÇÃO
SEM TECTO	1	A viver em espaço público	1.1.	A dormir na rua
	2	Alojado em abrigo de emergência nocturno e/ou forçado a passar várias horas por dia num espaço público	1.2. 2.1. 2.2. 2.3.	Contactado por equipas de rua Abrigo nocturno de acesso directo Alojamento precário Centro de acolhimento temporário (< 3 meses)
SEM CASA	3	Pessoas alojadas em centro de acolhimento temporário / Acomodação temporária	3.1. 3.2.	Centro de acolhimento temporário para sem-abrigo Alojamento temporário (tempo de permanência indefinida, definida e longa)
	4.	Pessoas em casas-abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica	4.1. 4.2.	Casas abrigo /centros acolhimento Alojamento apoiado
	5.	Pessoa em centros de acolhimento para imigrantes e refugiados/requerentes asilo	5.1. 5.2. 5.3.	Centros de acolhimento Alojamento para repatriados Centros para trabalhadores imigrantes
	6.	Pessoas sujeitas a desinstitucionalização	6.1. 6.2.	Instituições penais (período definido a nível nacional) Instituições hospitalares (hospitais psiquiátricos e unidades de prestação de cuidados saúde)
	7.	Pessoas em alojamento apoiado (devido a carência/ausência de habitação)	7.1. 7.2. 7.3. 7.4.	Habitação assistida (grupo) Habitação assistida (individual) "Foyers" Alojamento para mães/pais adolescentes
HABITAÇÃO INSEGURA	8.	Sem contrato de arrendamento ou aquisição	8.1. 8.2.	A viver temporariamente com família ou amigos (não por opção) A viver em domicílio sem arrendamento legal (exclui squatters)
	9.	Pessoas sujeitas a ameaça de despejo	9.1.	Com ordem legal de despejo (arrendamento)
		Pessoas a viver sob ameaça de violência por parte do/a companheiro/a ou família	9.2.	Com direito de resolução (propriedade)
	10.		10.1.	Incidentes registados na polícia
HABITAÇÃO INADEQUADA	11.	A viver em estruturas temporárias não comuns	11.1. 11.2. 11.3.	Casa móvel / caravana ou carrinhas Ocupação ilegal de terreno (ex. Roma, ciganos) Ocupação ilegal de prédio
	12.	A viver em habitação sem condições	12.1.	Alojamentos não adequados à legislação nacional
	13.	Situações de sobrelotação habitacional extrema	13.1.	Padrão nacional relativo ao índice de sobrecupação

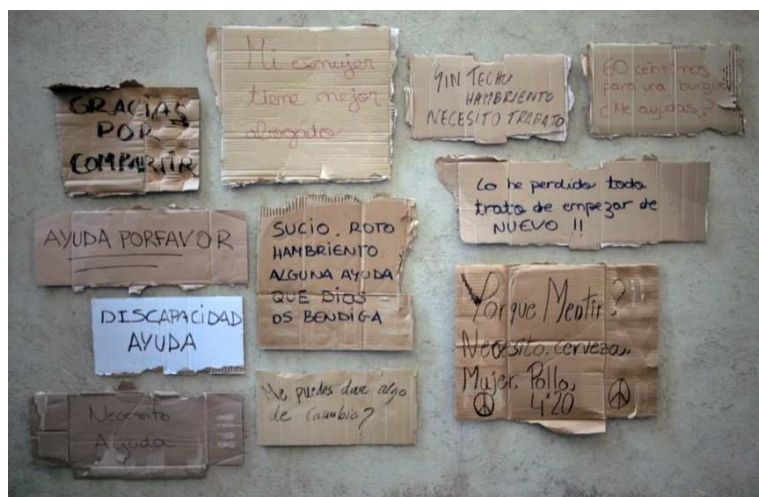


Imagem 62 - Ajudas solicitadas pelos sem-abrigo

Ajudas prestadas

Devido a este contexto e múltiplas situações que levam as pessoas a essa condição, agravando-a naturalmente, justifica a necessidade de reforçar os mecanismos de apoio social, programas comunitários de saúde e iniciativas para promover o acesso à habitação; sendo a saúde um importante ponto de atendimento com ênfase em problemas relacionados ao álcool, drogas e doença mental.¹⁰¹

Representam uma situação de exclusão social extrema, tornando-os um dos principais objetivos das ações de solidariedade voluntárias em coordenação com diferentes instituições, associações cívicas e projetos existentes, considerando o número de instituições da cidade, podemos dizer que a cidade de Porto tem uma boa rede de serviços e respostas para atender às necessidades específicas dessa população.¹⁰²

Abarcando além do problema visível na comunidade dos sem-abrigo categorizados como sem-teto, e estender este conceito a outras categorias conceituais para trabalhar simultaneamente e lidar com esse problema, com a inclusão de pessoas que vivem em situações vulneráveis e em risco de se tornarem sem-abrigo.¹⁰³

Essas intervenções se traduz como uma abordagem marcadamente assistencial com a distribuição de alimentos, vestuário, o acesso à lavandaria e cuidados pessoais (casas de banho), de forma de satisfazer as necessidades mais básicas dessa população. Como também encontrar respostas e serviço social que dão acesso a um alojamento temporário, alojamentos noturnos e prestações de serviços; bem como novas intervenções da sociedade civil que oferecem formação profissional, programas ocupacionais, apoio médico e habitação assistida, facilitando a sua reintegração na sociedade.¹⁰⁴

Intervenções que constituídas em uma rede de instituições que pertencem à cidade do Porto, Intervenciones constituídas por una rede de instituições pertencentes a la Cidade de Porto, como mencionado acima, com o surgimento de centros e abrigos noturnos como

¹⁰¹ JOAQUIM AZEVEDO, ISABEL BAPTISTA (2008-2009). PORTO SOLIDÁRIO – DIAGNÓSTICO SOCIAL DO PORTO. FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - CENTRO REGIONAL DO PORTO – PÓLO DA FOZ.

¹⁰² JOAQUIM AZEVEDO, ISABEL BAPTISTA (2008-2009). PORTO SOLIDÁRIO – DIAGNÓSTICO SOCIAL DO PORTO. FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - CENTRO REGIONAL DO PORTO – PÓLO DA FOZ

¹⁰³ MARTA MIGUEL, O., ET AL (2010). MODELO DE ATITUDES FACE AOS SEM-ABRIGO EM PORTUGAL. LISBOA – PORTUGAL.

¹⁰⁴ INSTITUTO DE SEGURANÇA SOCIAL, I.P. (2011). ESTUDO DOS SEM-ABRIGO. LISBOA – PORTUGAL



Imagem 63 - Albergues Nocturnos do Porto

Despertar que é uma associação de reinserção social, cujo principal objetivo é combater a exclusão social, promovendo a integração social e comunitária dessa população, fornecendo serviços gratuitos para satisfazer as necessidades básicas, tais como alojamento temporário, alimentos, roupas e medicamentos.¹⁰⁵ Por outro lado, temos **Associação dos Albergues Noturnos do Porto** que se caracteriza pela prestação de serviços de alojamento temporário, assim como assegurar a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência e dignidade humana, nível de alojamento, alimentação, higiene e vestuário, com uma intervenção de reintegração social.¹⁰⁶

Temos também o **Centro de Apoio ao Sem-Abrigo** que visa levar a cabo ações de solidariedade social, em particular para dar apoio, alimentação e alojamento para os sem-abrigo socialmente desfavorecidos, vítimas de violência ou abuso.¹⁰⁷ Além da **Legião da Boa Vontade** para apoiar o sem-abrigo através da distribuição de alimentos, roupas e cobertores, orientando-os para a reintegração social¹⁰⁸; como a **Missão de Caridade Samaritanos** que trabalha para a integração dos sem-abrigo toxicodependentes em processo de recuperação, tratamento e reinserção social, através do desenvolvimento de ações de sensibilização, orientação e encaminhamento.

Por outro lado, há instituições como **CAIS** que é uma associação sem fins lucrativos de solidariedade social, e tem como objetivo contribuir para a melhoria global das condições de vida das pessoas sem-abrigo, social e economicamente vulneráveis, em situação de privação, exclusão e risco. Que apresenta os seguintes serviços na cidade do Porto: Gabinete de Apoio ao Emprego (GAPE), GIC - Gabinete de Intervenção Comunitária, Micro-Negócios CAIS y Atividades Educativas e de Formação.¹⁰⁹

Além disso, encontramos instituições oferecendo diversos serviços como é **AMI (Assistência Médica Internacional)**, que, através de seu departamento de ação social promove e facilita a integração e a inclusão social através da implementação de vários projetos, tais como: *Centro Porta Amiga de Gaia* y *Centro Porta Amiga do Porto* que combatem contra a pobreza ea exclusão social, prestando serviços que atendam às necessidades básicas dos indivíduos como alimentos, roupas, remédios e informação e

¹⁰⁵ DESPERTAR (2002). OBJETIVOS DA DESPERTAR. WWW.DESPERTAR.PT

¹⁰⁶ ALBERGUES PORTO. MENSAGEM DA INSTITUIÇÃO. WWW.ALBERGUESPORTO.COM

¹⁰⁷ CASA – CENTRO DE APOIO AO SEM-ABRIGO (2015). QUEM SOMOS. WWW.CASA-APOIOAOSEMABRIGO.ORG

¹⁰⁸ LEGIÃO DA BOA VONTADE (2015). ACÇÃO SOCIAL. WWW.LBV.PT

¹⁰⁹ CAIS (2015). RESPOSTAS SOCIAIS NO PORTO. WWW.CAIS.PT



Imagem 64 - Equipas de apoio da rua

apoio; como é também o *Abrigo Nocturno do Porto* como o próprio nome diz, são destinadas a pessoas sem-abrigo em situações de reintegração socioprofissional, de sexo masculino, e, finalmente, temos a *Equipas de rua* que servem para dar apoio social e psicológico às pessoas que estão na rua através de uma intervenção multidisciplinar, que podem responder às suas necessidades e evitar futuras formas de exclusão social.¹¹⁰

Tendo o apoio das instituições emerge como um fator inevitável para quase toda a população que abrangem os sem-abrigos, em primeira instância, para responder às necessidades básicas, tais como o alojamento, vestuário, alimentação, saúde e higiene.¹¹¹

¹¹⁰ AMI (2007). O QUE É UM SEM-ABRIGO, SEM-ABRIGO CARACTERIZAÇÃO DO FENÓMENO. [HTTP://AMI.ORG.PT/DEFAULT.ASP?ID=P1P211P215P340P281&L=1](http://ami.org.pt/default.asp?id=P1P211P215P340P281&L=1)

¹¹¹ INSTITUTO DE SEGURANÇA SOCIAL, I.P. (2011). ESTUDO DOS SEM-ABRIGO. LISBOA – PORTUGAL.

Capítulo IV:

O projeto

O desenvolvimento deste projeto, basou-se no estudo realizado de projetos que já existem a nível mundial, como resposta a uma mesma necessidade, dum mesmo problema social e urbano, dar um abrigo ou alojamento ao mais necessitado, a estas pessoas em condições socialmente críticas a causa de diferentes situações que o gerem, terminando por ser uma pessoa sem-abrigo que habita nas ruas duma cidade.

População também estudada a nível nacional e mais especificamente na Cidade do Porto, para um melhor entendimento das causas e consequências desta situação e dar como resultado a definição das principais necessidades as quais dar resposta, para o cumprir com o mínimo de exigência para satisfazer ditas necessidades.

E segundo as percentagens obtidas temos que, na Cidade do Porto existe uma grande parte desta população sem-abrigo que mora e pernoita nas ruas contando com um 44,7% do total segundo o modo em que habitam, tornando-se na população alvo deste projeto, com condições muito específicas que atender, como são:

- Abrigo
- Higiene
- Trabalho

Aplicadas de diferentes modos para a criação de três módulos que responde a uma ou varias destas condições, dando como resultado um primeiro módulo que responde á condição de dar abrigo nomeado Modulo A, um segundo módulo que abarca duas condições e da resposta ao abrigo e higiene chamado Modulo B, e por último, temos o terceiro módulo que responde ao conjunto de todas as condições expostas e oferece abrigo,

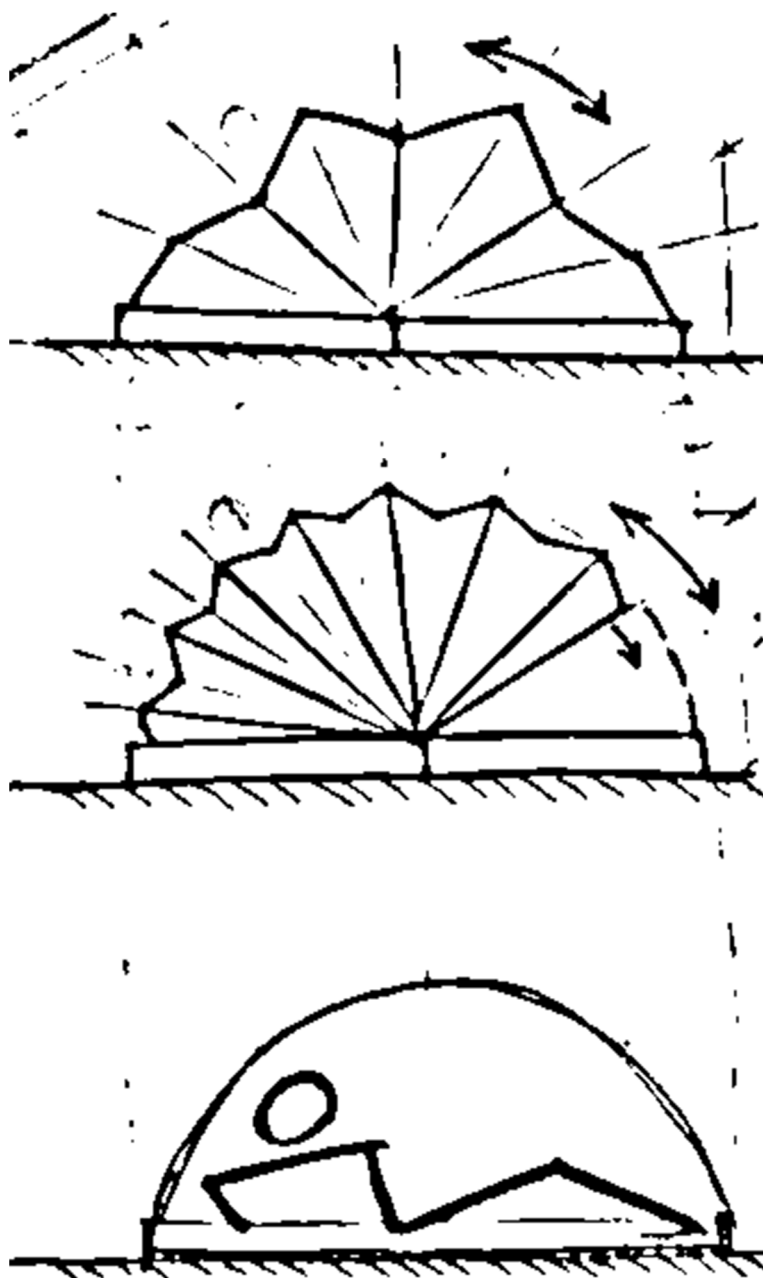


Imagem 65 - Estudo de propostas

higiene e trabalho chamado Modulo C. Conseguindo-se uma solução que ajude a remediar um pouco esta situação.

Módulos que serviram como habitat de permanência, criados para proporcionar um lugar próprio onde possam desenvolver-se como individuo com capacidade para só uma pessoa pertencente a esta população em situação de sem-abrigo. População que não tem grandes pertences mais além do que a roupa que veste, cobertores para dormir e cartões que são usados como cama, muitas vezes deixados no local onde passam a noite a expensas de seres roubados ou estragados, por não ter como ser levadas consigo; pessoas que não tem nada, expostas as adversidades climáticas e mais propensas a contrair doenças.

Pudendo ser localizados em diferentes locais da trama urbana da cidade como: espaços abertos, em desuso ou no abandono, ruas com pouco ou sem trânsito de pessoas o veículos, como face aos problemas de exclusão social. Como um elemento que se acople á sociedade e adapte ao meio que o rodeia, oferecendo seguridade, conforto e sentido de pertencia da pessoa que o habite, tornando o lugar como seu, como uma opção de alojamento fixa, a maneira de causar o impulso para sair das ruas e se integrar na sociedade

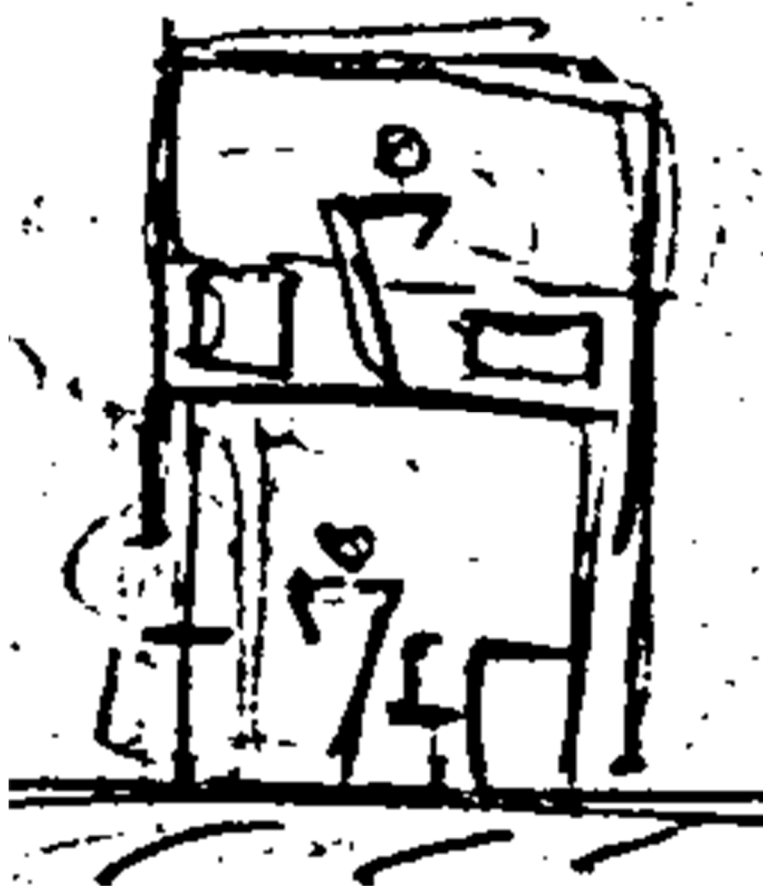


Imagem 66 - Estudo de Propostas

Localização

Tomando em conta que esta população se localiza nas áreas com maior mobilização de pessoas, principalmente nos centros das grandes cidades, como acontece na Cidade do Porto pelo que foi sitio alvo para fazer o percurso de reconhecimento da localização destas pessoas, que tornam esta como a seu habitar, adequando as ruas e espaços públicos como habitação.

Nas áreas recorridas no centro da Cidade do Porto, se podem ver grandes variedades de usos: comercial, residencial, hospedagem, fábricas, recreativos, transporte, entre outros; já que se trata de um centro turístico, onde vê-se todo tipo de pessoas, as que moram ali, trabalham, turistas de qualquer lugar do mundo a fotografar e desfrutar das maravilhas da cidade, o que faz desta um bom ponto para os sem-abrigo, sentados no passeio a pedir dinheiro ou comida.

Que se tem apropriado de locais abandonados, de becos, partes baixas de edifícios, ruas desoladas, entre outros; como lugar de pernoita, expostos a todos os riscos que implica permanecer na rua, sem uma proteção das adversidades do ambiente. Sendo tomados como referência para a seleção dos locais que apresentem mais ou menos estas condições, que possam ser ocupados por um destes módulos para dar alojamento a uma pessoa e proteja sua integridade física y mental, sem intervir na trama urbana e imagem, adaptando-se ao entorno que o rodeia.

Plano do percurso pela cidade

Figura 1 - Plano do percurso pela cidade



Imagem 67 - Plano usado para a marcação do percurso e pontos de localização na Cidade do Porto

Plano dos locais selecionados

Figura 2 - Plano dos locais selecionados

A proposta

Como se faz referência na primeira parte, estas foram baseadas nos dados recolhidos da investigação da população de sem-abrigos para atender às necessidades básicas obtidas a modo de satisfazer, como são o abrigo, higiene e trabalho, dando como resultado a criação de três módulos que se descrevem a continuação.

Módulo A

Modulo proposto para atender a necessidade principal do abrigo para enfrentar o frio que se tem feito sentir, especialmente durante o período noturno e as chuvas do inverno. Sendo alvo principal as pessoas que tem elegido esta condição de sem-abrigo como opção de vida, por enquanto não querem ser tiradas da rua.

Como ajuda ao melhoramento da saúde e proteção ao oferecer um espaço que pode ser considerado como uma habitação portátil para o descanso e possa ser levada com el na sua mobilização pela cidade, conjuntamente com os seus pertences.

Com uma dimensão de 1,00m x 1,00m e uma espessura não maior a 0,10m e ao ser desdobrado fica um elemento de 1,00m x 1,00m x 2.00, dimensão suficiente para se estar sentado ou deitado dentro do elemento; ligeiro e manejável, proposto para ser feiro em cartão corrugado recoberto com uma lâmina impermeável para os tempos de chuva, de montagem fácil e rápida.



Plano do Modulo A

Figura 3 - Plano do Módulo A

Modulo B

Neste caso a proposta atende à combinação de duas das condições tomadas como base para o desenho dos módulos como o abrigo e a higiene, num elemento fixo para ser colocado em passeios, praças ou algum espaço aberto adequado para sua implantação a maneira de não interferir no meio que o rodeia.

Capaz de dar alojamento a uma pessoa, com forma de cacifo com uma seção que se desdobra a um lateral criando uma habitação para descansar, dormir ou simplesmente estar, complementado com o serviço de higiene onde pode lavar, dar um pequeno duche e arrumar as suas coisas e comestíveis que não precisem de refrigeração.

Ajudando a dar estabilidade e proteção física e mental, criando um espaço próprio onde pode definir como individuo e como um primeiro passo para sair das ruas e melhorar sua vida.

Com dimensões de 2,00m x 0,40m quando esta fechado e de 2,00m x 1,60m quando esta aberto o quarto. Proposta para ser feito em madeira recoberta com um verniz especial para a proteção da chuva e o sol; e o quarto desdobrável fica coberto com uma lona em forma de acordeón.



Plano do Modulo B

Figura 4 - Plano do Módulo B

Figura 5 - 3D do Módulo B

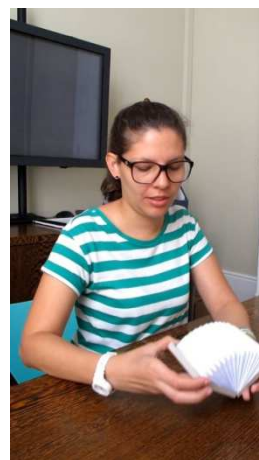
Módulos C

Criado como resposta das três condições, gerando um módulo de habitação e trabalho que oferece à pessoa na parte da frente um espaço tipo quiosque que pode ser adaptado a diferentes negócios como arranjar sapatos, florista, venda de revista e jornais, artesanato, entre outros; onde pode ser utilizada a habilidades manuais da pessoa, em caso de possuir alguma, para a produção de peças próprias para a venda.

No caso da habitação conta com um pequeno espaço de aproximadamente 5,20m², com cama para dormir, cozinha e casa de banho e adicionalmente uma mesa desdobrável da parede com um banco para tomar as refeições o sentar a trabalhar e diferentes espaços para o arrumo dos seus pertences, comida e utensílios de trabalho ou mercadoria necessárias para o negocio.

Oferecendo uma maior independência pessoal e económica ao ser capaz de produzir seu próprio dinheiro, como ferramenta final e mais efetiva para voltar ao campo laboral, possuir uma habitação e integrar-se na sociedade novamente. Sair das ruas e a exclusão social que tem tornados suas vidas precárias.

O módulo esta proposto como uma estrutura de uma caravana, utilizando uma lâmina estrutural como teto, chão e parede do fundo, disposta em forma de C, com tabiques de separação em lâminas delgadas com isolamento para o frio e calor; com dimensões de 3,20m x 2,10 x 3,00m, para ser inserido em espaços abertos tipo parques, praças; e oferecer uma habitação ao sem-abrigo e um serviço à comunidade.



Plano do Modulo C

Figura 6 - Plano do Módulo C

Figura 7 - 3D do Módulo C

Conclusões

Realizado o processo de análise teórico-prático, para avaliar a população sem-abrigo, procurando saber a potencialidade da sua inclusão na sociedade, foi possível apresentar soluções construtivas, aplicáveis a nível internacional, de acordo com o clima onde se insere o projeto. Este trabalho permitiu tecer conclusões específicas, sobre as medidas contempladas para o portefólio, tais como

- O habitar significa para o homem a permanência num lugar, adaptado e construído as exigências da sociedade, dos fatores económicos e políticos, e avanços tecnológicos na procura de melhorias, o que se tem convertido em uma ação primordial para o homem.
- La flexibilidade de los espaços como fator marcante na realização de novas formas de habitar, o que procura a transformação deste para a adaptação das diferentes atividades e usos, dadas por uma pessoa, família o grupo.
- A habitação como local essencial para o desenvolvimento do homem, evoluindo a traves do tempo com a geração de novas tecnologias construtivas; regido pela economia, políticas e processos migratórios.
- Os sem-abrigos, pessoas que tem uma tendência marcada de ficar na rua segundo dados obtidos, excluídos socialmente com a necessidade de um abrigo, alimentação, higiene e trabalho.
- Que apesar de, que a Cidade do Porto possui uma grande rede de instituições e associações que oferecem ajuda á população de sem abrigos, não é suficiente para cobrir em um cem por cento esta problemática.

Criando módulos que satisfaçam em vários níveis às necessidades expostas, com el objetivo de ajudar e incentivar o desenvolvimento desta população, o que permita novamente num futuro a sua integração na sociedade.

Fazendo a marcação de localidades na cidade onde possam ser aplicados, sem interferir no urbanismo e na sua imagem, desenvolvido como um elemento adaptável a o entorno que o rodeia.

Referências Bibliográficas

Albergues Porto. Mensagem da instituição. www.alberguesporto.com

AMI (2007). **O QUE É UM SEM-ABRIGO, sem-abrigo caracterização do fenómeno.** <http://ami.org.pt/default.asp?id=p1p211p215p340p281&l=1>

AMI. (2013). **POPULAÇÃO SEM-ABRIGO.** <http://www.ami.org.pt/default.asp?id=p1p5p21p404&l=1>

Ana C. Pereira e Paulo Pena (2014). **HÁ CADA VEZ MAIS SEM-ABRIGO NUM PAÍS COM UM MILHÃO DE CASAS VAZIAS.** <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/ha-cada-vez-mais-semabrigo-num-pais-com-um-milhao-de-casas-vazias-1626007>

Ana Cristina Pereira, Pablo Pena (2014). **Há cada vez mais sem-abrigo num país com um milhão de casas vazias.** Público Comunicação Social, S.A.

Andrea V. Quintas, Maria José Curado (2010). **Estructura ecológica urbana: sistema multifuncional de desenvolvimento urbano, Cidades y Territorios Metropolitanos.** Faculdade de letras. Universidade de Porto. Porto – Portugal.

Antonio Batista Coelho, Pedro Batista Coelho (2009). **Habitação de Interesse Social em Portugal 1988 – 2005.** Livros Horizonte, LDA. Lisboa – Portugal.

António José Neto Feire. **A Arquitectura como espaço modular, forma, tipologia, sustentabilidade, projeto.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Beira Interior. Covilhã, Portugal.

ArchReady (2014). **As casas dos sem-abrigos.** Green Savers.

Bauen, Wohnen, Denken (1954). **CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR.** Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen.

CAIS (2015). **Missão.** www.cais.pt

CAIS (2015). **Respostas Sociais no Porto.** www.cais.pt

Camara Municipal de Porto. **As Ilhas, as colónias operárias e os bairros de casas económicas.**

Carlos Nuno Lacerda Lopes (2014). **Habitar a Cena.** DraftBooks. Porto – Portugal.

Carlos Pestana Barros, J. C. Gomes Santos (1997). **A habitação e a reintegração social em Portugal.** Vulgata. Lisboa – Portugal.

CASA – Centro de Apoio ao Sem-Abrigo (2015). **Quem Somos.** www.Casa-apoioaosemabrigo.org

Cristina Lai Men (2010). **Há mais de dois mil sem-abrigo em Portugal.** Radio Noticias – Produções e Publicidade, S.A.

Despertar (2002). **Objetivos da Despertar.** www.despertar.pt

Díaz Reyes, Carlos Alberto (2011). **Calidad en la vivienda de interés social.** Nuevas Ediciones. Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial. Bogotá, D.C. Colombia.

Eme Viegas. **CARBORIGAMI.** <http://www.hypeness.com.br/2013/09/designer-cria-abrigo-de-papelao-em-forma-de-origami-pra-abrigar-sem-teto/>

Eme Viegas. **Designer cria casa de papelão em forma de origami para abrigar sem-teto.** Hypeness, Inovação e criatividade para todos.

ENPIPSA. **ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A INTEGRAÇÃO DE PESSOAS SEM-ABRIGO**, Prevenção, Intervenção e Acompanhamento 2009-2015.

Filipa Remalhete e Ricardo Carvalho (2011-2012). **HABITAR PENSAR INVESTIGAR FAZER**. EDIUAL CEU-Cooperativa de Ensino Universitario C.R.L. Lisboa, Portugal.

Francis D.K. Ching (1995). **DICCIONARIO VISUAL DE ARQUITECTURA**. Ediciones G. Gili, S.A. de C.V.. Naulcapan – México.

Francisco Queiroz. **CONTRIBUTOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS MAIS RECENTES PROJECTOS DE RENOVAÇÃO URBANA NO NÚCLEO HISTÓRICO DO PORTO**. Publicado no "Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto", 4ª série, n.º 20, 2002, p. 83-119. Porto – Portugal.

Francisco Queiroz. **História da Cidade e do Urbanismo em Portugal**. <http://www.queirozportela.com/urbanism.htm>

Helena Regina Lopes Teixeira. **PORTO, 1114 – 1518 A CONSTRUÇÃO DA CIDADE MEDIEVAL**.

Instituto da Habitação e da Reabilitação urbana (2015). **Estratégia Nacional para a Habitação**

Instituto da Habitação e da Reabilitação urbana. www.portaldahabitacao.pt

Instituto de Segurança Social, I.P. (2011). **Estudo dos Sem-Abrigo**. Lisboa – Portugal.

Isabel M. Fernandes R., Breda Lacerda V. (1992). **O processo de suburbanização no grande Porto “A evolução da Cidade do Porto e a estruturação territorial dos concelhos periféricos”**. Universidade de Porto, Faculdade de Engenharia. Portugal.

Joana Pimenta (Julho 2010). **Ai Arquitectura ibérica No.35 HABITAR HOUSING**. Caleidoscopio-Edição e Artes Gráficas, SA. Casal de Cambra, Portugal.

Joaquim Azevedo, Isabel Baptista (2008-2009). **Porto Solidário – Diagnóstico Social do Porto**. Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto – Pólo da Foz.

Juan José Cuervo C. (2009). **El diseño como base hacia una teoría del habitar. Revista Kepes año 6 No. 5, enero – diciembre, Págs. 179 – 190.**

Juliana Batista (2013). **Lisboa acolhe «Cacifos solidários» em outubro.** <http://www.fatimamissionaria.pt/artigo.php?cod=27562&sec=7>

katia C. Simancas Y. (2003). **Reacondicionamiento Bioclimático de viviendas de segunda residencia en clima mediterráneo.** Universidad Politécnica de Cataluña. Barcelona – España.

Legião da Boa Vontade (2015). **Acção Social.** www.lbv.pt

Legião da Boa Vontade (2015). **Ronda de Caridade.** www.lbv.pt

Luis Cortés Alcalá (1995). **La cuestión residencial, bases para una sociología del habitar.** Editorial Fundamentos. Madrid – España.

Luis V. Batista (1999). **Cidade e Habitação Social.** Celta Editora. Oeiras – Portugal.

Manuel Silvio Alves Conde (2011). **Construir, Habitar, a casa medieval. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar << Cultura, Espaço e Memória>>.** Braga – Portugal.

Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo (2012). **A materialização dos poderes no espaço como expressão da memória e identidade urbana medieval.** CITCEM Departamento de Historia, ICS, Universidade de Minho. Portugal.

Maria E. Ortigosa M. (2007). **Espácio abierto – Habitar la tecnologia y los imaginários del construir en Maracaibo.** Escuela de Arquitectura. Universidad del Zulia. Maracaibo – Venezuela.

Maria Melgarejo, M., et al (1996). **NUEVOS MODOS DE HABITAR = NEW WAYS OF HOUSING.** COACV. Valencia – España.

Marta Miguel, O., et al (2010). **Modelo de Atitudes face aos sem-abrigo em Portugal**. Lisboa – Portugal.

Nuno Portas (2008). **A arquitectura para hoje, seguido de, evolução da arquitectura moderna em Portugal**. Livros Horizontes, LDA. Lisboa – Portugal.

ONU. Oficina del Alto comisionado para los derechos humanos. **El derecho humano a una vivienda adecuada (Folleto Informativo No. 21)**.

OPA Sugihara (2011). **Abrigo de papelão**. Atelier OPA, Original Product and Architecture.

Patrícia Jesus (2014). **Com abrigo e a procura de um final feliz**. DN Portugal.

Pilar Echavarría M. (2006). **Arquitectura Portátil, entornos impredecibles**. Links Internacional. Barcelona – España.

Rodríguez, S., et al (2009). **NUEVAS FORMAS DE HABITAR**. AIDIMA (Instituto Tecnológico del Mueble, Madera, Embalaje y Afines), AITEX (Instituto Tecnológico Textil) e ITC-AICE (Instituto de Tecnología Cerámica). Valencia, España.

Stefanie Braz André (2014). **Higiene e desenvolvimento urbano: O Porto na transição entre os seculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado apresentada á Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto – Portugal.

Susana Soares, Diretora Adjunta AMI (2015). **Acção Social**. Porto – Portugal.

Teresa Líbano Monteiro (2013). **Inmigrantes Sem-abrigo em Portugal**. Observatório da Imigração. Lisboa – Portugal.

Tim Murphy (2015). **HOME PETIT HOME**. Portland, Oregon.
<http://www.buzzfeed.com/timmurphywriter/tiny-homes#.pmkvgEZqx>

Vasco Croft (2001). **Arquitectura e Humanismo, o papel do arquitecto, hoje, em Portugal**. Terramar – Editores, Distribuidores e Livreiros, LDA. Lisboa – Portugal.

Vitrine – Projetos (2014). **Cúpulas Sustentáveis. Central de Noticias da Construção, as informações para construir o seu dia**.

Xavier Coutinho. **Subsídios para o estudo da iconografia e urbanismo da Cidade do Porto.**

Índice de imagens

Imagem 1 - Vista do centro da Cidade do Porto.....	2
Imagem 2 – Abrigo improvisado	4
Imagem 3 - Cardborigami	6
Imagem 4 - Home Petit Home	8
Imagem 5 – Abrigo portátil Cocoon do designer coreano Hwang Kim	10
Imagem 6 - Casa para vítimas de desastres naturais feito pela arquiteta Giovana Savietto, Brasil	12
Imagem 7 - Habitar Arquitetura.....	16
Imagem 8 - Edifício Varandas da Venezuela pelo arquiteto Alcino Soutinho, Porto	18
Imagem 9 - Habitar	20
Imagem 10 - Nova forma de habitar de interesse social, Figuera da Foz, Porto	22
Imagem 11 - Habitar a casa	24
Imagem 12 - Flexibilidade do espaço	26
Imagem 13 - Mobilidade urbana, Avenida dos Aliados, Porto.....	28
Imagem 14 – Habitar a cidade, Rua Santa Catarina, Porto.....	30
Imagem 15 - Planta do Bairro de Ramalde de Fernando Távora	32
Imagem 16 - Bairro Social Rainha Dona Leonor, Porto.....	34
Imagem 17 - Habitação social, Travessa de Salgueiros, Porto	36
Imagem 18 - Evolução urbana da Cidade do Porto	38
Imagem 19 - Vista da cidade do Porto.....	40
Imagem 20 - Habitação de interesse social do Monte de São João pelos arquitectos Rui Almeida e Filipe Oliveira Dias, Porto.....	44
Imagem 21 - Desenvolvimento de Habitação de interesse social da empresa Sedengil em Milheirós, Maia.....	46

Imagem 22 - Habitação de interesse social pelo arquiteto J.J. Silva Garcia, Póvoa de Varzim.....	48
Imagem 23 - habitação de interesse social da Fontinha pelo arquiteto Rui Passos Mealha, Porto.....	50
Imagem 24 - Habitação de interesse social pelo arquiteto Paulo Alzamora, Vila Nova de Gaia.....	52
Imagem 25 - Habitação de interesse social Bairro do Telheiro pelo arquiteto Manuel Correia Fernandes, Matosinhos	54
Imagem 26 - Habitação de interesse social pelo arquiteto Miguel Leal, Vila do Conde...	56
Imagem 27 - Vista aerea Bairro Boavista, Lisboa	58
Imagem 28 - Cacifos solidários	60
Imagem 29 - Casas desmontáveis	61
Imagem 30 - Cacifos solidários	61
Imagem 31 - Vista na rua do Carton House.....	62
Imagem 32 - Carton House	63
Imagem 33 - Provas na rua Cardborigami	64
Imagem 34 - Cardborigami.....	65
Imagem 35 - Casinhas de papelão	65
Imagem 36 - Esquema funcionamento do FURTIVE.....	66
Imagem 37 - Homeless Vehicle Project.....	67
Imagem 38 - FURTIVE	67
Imagem 39 - Markies	68
Imagem 40 - Life Nexus Village & Refuge Wear	69
Imagem 41 - Markies	69
Imagem 42 - Vista de rua Home Petit Homem.....	70
Imagem 43 - Cúpulas Sustentáveis	71
Imagem 44 - Casa do Homeless Homes Project.....	72
Imagem 45 - Home Petit Home	73
Imagem 46 - Homeless Homes Project.....	73
Imagem 47 - Tetris apartments. Blocos de apartamentos do tipo social, Ljubljana – Slovenia.....	74
Imagem 48 - Arquitetura e sociedade	75
Imagem 49 - Sem-abrigos na estação do metro, Porto	78
Imagem 50 - Sem abrigo na Rua Sá da bandeira, Dezembro 2014, Porto.....	80

Imagem 51 - Sem-abrigo que pernoita na rua.....	82
Imagem 52 - Sem-abrigo em situação de exclusão social	84
Imagem 53 - Ocupação do espacio social por sem-abrigos	86
Imagem 54 - Sem-abrigo a pedir ajuda na rua	88
Imagem 55 - Abrigo improvisado.....	90
Imagem 56 - A rua como nova casa para habitar.....	92
Imagem 57 - Novos quartos para dormir	94
Imagem 58 - Sem-abrigo por falta de trabalho	96
Imagem 59 - Sem-abrigo sem lugar onde ir.....	98
Imagem 60 - Sem-abrigo na sociedade.....	100
Imagem 61 - Habitação inadequada.....	102
Imagem 62 - Ajudas solicitadas pelos sem-abrigo	104
Imagem 63 - Albergues Nocturnos do Porto	106
Imagem 64 - Equipas de apoio da rua.....	108
Imagem 65 - Estudo de propostas.....	112
Imagem 66 - Estudo de Propostas.....	114
Imagem 67 - Plano usado para a marcação do percurso e pontos de ubicação na Cidade do Porto.....	119

Índice de figuras

Figura 1 - Plano do percurso pela cidade.....	117
Figura 2 - Plano dos locais seleccionados	121
Figura 3 - Plano do Módulo A	125
Figura 4 - Plano do Módulo B	129
Figura 5 - 3D do Módulo B.....	131
Figura 6 - Plano do Módulo C	135
Figura 7 - 3D do Módulo C.....	137

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - População de sem-abrigos segundo o modo em que habitam, Cidade do Porto, ISS, P.I. (2003).....	83
Gráfico 2 - Problemas que conduziram á situação sem-abrigo.....	95

Índice de figuras

Tabela 1 - Problemas que conduziram a situação sem-abrigo, ISS, I.P. (2005).....	97
Tabela 2 - ETHOS – Tipologia Europeia de Sem-Abrigo e Exclusão Habitacional (FEANTSA, 2006).....	103